



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA
LICENCIATURA EM LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA**

ELIEZER SANTANA JÚNIOR

**O IMAGINÁRIO SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA ENTRE ALUNOS DO
TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO.**

Itabaiana/SE

2019

ELIEZER SANTANA JÚNIOR

**O IMAGINÁRIO SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA ENTRE ALUNOS DO
TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO.**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras (DLI) da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho, sob orientação do Prof. Me. Flávio Passos Santana como requisito final à obtenção do título de Graduação em Letras-Língua Portuguesa.

Itabaiana/SE

2019

ELIEZER SANTANA JÚNIOR

**O IMAGINÁRIO SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA ENTRE ALUNOS DO
TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi
julgado adequado à obtenção do título de
Licenciado em Letras-Língua Portuguesa
pela Universidade Federal de Sergipe

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Flávio Passos Santana (Orientador)
Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Ma. Isabela Marília Santana (Membro externo ao Departamento)
Mestra em Letras pela Universidade Federal de Sergipe
Universidade Federal de Sergipe

Aprovado em:

Itabaiana, 17 de abril de 2019

“Se, como resultado da intervenção dos linguistas, o tema da variação acabou incorporado pelo discurso pedagógico, podemos dizer que não conseguimos ainda construir uma pedagogia adequada a essa área. Talvez porque não tenhamos ainda, como sociedade, discutido suficientemente, no espaço público, nossa heterogênea realidade linguística, nem a violência simbólica que a atravessa.”

Carlos Alberto Faraco

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, aos Deuses, as Deusas, como também, a ciência por ter me dado forças, sem desistir jamais.

Agradeço aos meus pais, Ivanete e Eliezer, por sempre fazerem o possível e o impossível para que eu continuasse nessa jornada.

Agradeço ao brilhantíssimo, ilustre e meu eterno presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, que sempre deu vida aos projetos sociais que proporcionaram esperança e oportunidade às pessoas que a todo momento tiveram seus direitos básicos negados por um sistema burguês. Mais uma vez, obrigado, Lula, por dar voz a quem sempre foi impedido de falar!

Agradeço a minha namorada, Isabela Santos Silva, por existir, e por sempre ter me dado força e esperança para a todo momento seguir lutando por um ideal melhor, por um mundo melhor. Aprendi e aprendo muito com você, meu amor. Obrigado!

Agradeço ao meu irmão, Edinando Vieira Reis, por estar sempre ao meu lado, falando coisas bobas, como também, coisas sérias, chorando e rindo. Você me ensinou a olhar o mundo de outro modo, meu irmão.

Agradeço a minha linda amiga, Isabela Batista, por existir, pois sua mente e encanto transformam o mundo. Ela me faz observar o mundo por uma perspectiva muito mais humana.

Agradeço à Professora Doutora, Márcia Mariano, pela sua existência, pela sua humildade, pelos seus gestos transformadores que movem montanhas, pelo seu encanto como pessoa, como também, como professora. Obrigado por existir, Márcia.

Agradeço as professoras Doutoras, Jeane Nascimento e Adriana Sacramento, pelo belo trabalho, assim como, pelos atos como seres humanos.

Agradeço ao meu Orientador, pois sempre se mostrou dedicado e responsável pelas suas funções profissionais.

RESUMO

O presente trabalho intitulado “O imaginário sobre a variação linguística entre alunos do terceiro ano do ensino médio.” visa compreender o entendimento e as opiniões dos alunos do terceiro ano do ensino médio, do *Colégio Estadual Emeliano Ribeiro*, a partir de uma breve conversa e de um questionário de nove perguntas sobre língua portuguesa, para, dessa forma, observarmos, explorarmos e analisarmos de forma científica o que esses alunos têm a falar sobre esse assunto, mostrando suas concepções sobre a língua, a imagem que eles têm sobre língua portuguesa, variações linguísticas, preconceitos linguísticos, bem como a utilização da língua por eles e por seus familiares em diversas situações cotidianas. Dessa forma, tornando esse trabalho uma contribuição para informar-se do entendimento desses estudantes sobre o assunto em questão, visando que suas concepções, opiniões e principalmente seus questionamentos sejam entendidos, explorados e analisados, para com isso serem reconhecidos como algo valioso, significativo e importante, e não como convicções e posições inferiores às visões dos especialistas.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Variações; Preconceito Linguístico.

RESUMEN

El presente trabajo titulado “El imaginario sobre la variación lingüística entre estudiantes del tercer año de la enseñanza medio.” se pretende comprender el entendimiento y las opiniones de los estudiantes del tercer año de la enseñanza media, del Colegio Estadual Emeliano Ribeiro, A partir de una breve conversación y un cuestionario de nueve preguntas sobre lengua portuguesa, para, de esta forma observar, explorar y analizar de forma científica lo que estos estudiantes tienen que hablar sobre este tema, mostrando sus puntos de vista sobre el lenguaje, la imagen que tienen de la idioma portuguesa, las variaciones lingüísticas, los prejuicios lingüísticos, así como la utilización de la lengua por ellos y por sus familiares en diversas situaciones cotidianas. De esta forma, haciendo de este trabajo una contribución para informar-se do entendimento desses estudantes sobre o assunto em questão, con el fin de que sus concepciones, opiniones y principalmente sus cuestionamientos sean entendidos, explorados y analizados, para que sean reconocidos como algo valioso, significativo e importante, y no como convicciones y posiciones inferiores a las visiones de los especialistas.

Palabras claves: Lengua Portuguesa; Variaciones; La discriminación lingüística.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- Resposta do aluno de número 3.....	24
FIGURA 2- Resposta do aluno de número 8.....	25
FIGURA 3- Resposta do aluno de número 5.....	25
FIGURA 4- Resposta do aluno de número 4.....	25
FIGURA 5- Resposta do aluno de número 3.....	26
FIGURA 6- Resposta do aluno de número 1.....	26
FIGURA 7- Resposta do aluno de número 23.....	26
FIGURA 8- Resposta do aluno de número 12.....	27
FIGURA 9- Resposta do aluno de número 15.....	27
FIGURA 10- Resposta do aluno de número 9.....	28
FIGURA 11- Resposta do aluno de número 19.....	29
FIGURA 12- Resposta do aluno de número 15.....	29
FIGURA 13- Resposta do aluno de número 4.....	30
FIGURA 14- Resposta do aluno de número 22.....	30
FIGURA 15- Resposta do aluno de número 23.....	30
FIGURA 16- Resposta do aluno de número 5.....	31
FIGURA 17- Resposta do aluno de número 11.....	31
FIGURA 18- Resposta do aluno de número 18.....	31
FIGURA 19- Resposta do aluno de número 6.....	32
FIGURA 20- Resposta do aluno de número 21.....	32
FIGURA 21- Resposta do aluno de número 10.....	34
FIGURA 22- Resposta do aluno de número 14.....	34
FIGURA 23- Resposta do aluno de número 8.....	34

FIGURA 24- Resposta do aluno de número 1.....	35
FIGURA 25- Resposta do aluno de número 3.....	35
FIGURA 26- Resposta do aluno de número 7.....	36
FIGURA 27- Resposta do aluno de número 18.....	36
FIGURA 28- Resposta do aluno de número 13.....	37
FIGURA 29- Resposta do aluno de número 21.....	37
FIGURA 30- Resposta do aluno de número 8.....	38
FIGURA 31- Resposta do aluno de número 2.....	38
FIGURA 32- Resposta do aluno de número 10.....	38
FIGURA 33- Resposta do aluno de número 9.....	39
FIGURA 34- Resposta do aluno de número 1.....	39
FIGURA 35- Resposta do aluno de número 16.....	40
FIGURA 36- Resposta do aluno de número 23.....	40
FIGURA 37- Resposta do aluno de número 1.....	41
FIGURA 38- Resposta do aluno de número 11.....	42
FIGURA 39- Resposta do aluno de número 14.....	42
FIGURA 40- Resposta do aluno de número 23.....	43
FIGURA 41- Resposta do aluno de número 9.....	44
FIGURA 42- Resposta do aluno de número 2.....	44
FIGURA 43- Resposta do aluno de número 3.....	45
FIGURA 44- Resposta do aluno de número 11.....	45
FIGURA 45- Resposta do aluno de número 16.....	47
FIGURA 46- Resposta do aluno de número 1.....	47
FIGURA 47- Resposta do aluno de número 6.....	48
FIGURA 48- Resposta do aluno de número 14.....	48

FIGURA 49- Resposta do aluno de número 23.....	49
FIGURA 50- Resposta do aluno de número 15.....	50
FIGURA 51- Resposta do aluno de número 6.....	50
FIGURA 52- Resposta do aluno de número 2.....	50
FIGURA 53- Resposta do aluno de número 18.....	51
FIGURA 54- Resposta do aluno de número 20.....	51
FIGURA 55- Resposta do aluno de número 22.....	52
FIGURA 56- Resposta do aluno de número 14.....	52
FIGURA 57- Resposta do aluno de número 14.....	53
FIGURA 58- Resposta do aluno de número 17.....	53
FIGURA 59- Resposta do aluno de número 4.....	54
FIGURA 60- Resposta do aluno de número 9.....	54
FIGURA 61- Resposta do aluno de número 18.....	55
FIGURA 62- Resposta do aluno de número 16.....	55
FIGURA 63- Resposta do aluno de número 15.....	56
FIGURA 64- Resposta do aluno de número 6.....	56
FIGURA 65- Resposta do aluno de número 4.....	57
FIGURA 66- Resposta do aluno de número 2.....	57
FIGURA 67- Resposta do aluno de número 21.....	58
FIGURA 68- Resposta do aluno de número 6.....	58
FIGURA 69- Resposta do aluno de número 20.....	59
FIGURA 69- Resposta do aluno de número10.....	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
1.1 DISCURSOS SOBRE A LÍNGUA.....	13
1.2 AS IDEOLOGIAS DA LÍNGUA.....	17
2 METODOLOGIA.....	22
3 ANÁLISE DOS CORPORA.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61
APÊNDICE.....	63

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país que tem como língua oficial o português, apresentando uma diversidade linguística imensa, pois desde o início das colonizações o idioma português recebe a influência de várias outras línguas, sendo algumas delas: indígenas, africanas, europeias, asiáticas. Essa diversidade linguística que passou (e ainda passa) pelo Brasil ocasionou inúmeras variações na nossa língua portuguesa, criando vários sotaques, dialetos e gírias, aspectos esses que são discriminados e vistos como “errados”, pois não seguem a ideia homogênea atotada pela gramática tradicional.

No contexto escolar, o ensino é organizado seguindo uma norma padrão, mantendo a ideia de reprodução do “português correto”, conceito esse que é ensinado nas escolas brasileiras. Essa norma linguística que é tratada como a única variante “correta” vem repleta de visões preconceituosas, que são atribuídas por alguns dos poucos falantes que a dominam, desse modo, causando os preconceitos linguísticos.

Diante dos diversos problemas de exclusão dos falantes que não dominam a norma padrão, procurou-se saber e compreender o entendimento e as opiniões dos alunos do terceiro ano do ensino médio, do *Colégio Estadual Emeliano Ribeiro*, sobre língua portuguesa para observar, compreender e explorar o que esses alunos têm a dizer sobre esse assunto, mostrando suas concepções sobre a língua, a imagem que eles têm sobre língua portuguesa, variações linguísticas, preconceitos linguísticos, bem como a utilização da língua por eles e por seus familiares em diversas situações cotidianas, a fim de registrar suas ricas visões sobre o tema em questão.

Essa pesquisa, então, é uma contribuição para conhecer o entendimento desses adolescentes sobre o tema em questão, objetivando que suas opiniões, compreensões e seus questionamentos sejam entendidos e analisados para que sejam vistos como algo rico, válido e importante, e não como ideias e posições inferiores às visões dos especialistas.

Assim, os *corpora* deste trabalho foram os questionários respondidos dos alunos da terceira série do ensino médio do Colégio Estadual Emeliano Ribeiro, instituição pública do agreste sergipano, localizada na cidade de São Domingos. Esses discentes estão na faixa etária de 15 a 19 anos.

O início dessa pesquisa ocorreu a partir da visita ao Colégio Estadual Emeliano Ribeiro, como dito, localizado na cidade de São Domingos – Sergipe. Com base nessa visita, foi iniciado um diálogo apoiando-se em um questionário em que os (as) alunos (as) tiveram a liberdade de expor suas concepções sobre a língua, suas imagens a respeito da língua portuguesa, variações linguísticas, preconceitos linguísticos, seus convívios linguísticos com os familiares, bem como a utilização do uso de fala feito por eles e por suas famílias em diversas situações cotidianas, sempre favorecendo a oralidade. Logo depois, essas respostas foram coletadas e analisadas, tendo como finalidade a exposição das visões desses discentes a respeito da língua portuguesa, assim como seu uso em diversas situações.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi utilizado como aporte teórico o linguista Marcos Bagno, em suas obras: “Preconceito linguístico o que é, como se faz”, expondo uma viagem pela mitologia do preconceito linguístico, e quebrando a visão que separa a aplicação da língua como “certa” e “errada”; e “Nada na língua nada é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística”, em que o autor apresenta a diferença entre o discurso da ciência e o do senso comum a respeito da língua. Além de Carlos Alberto Faraco, em “História da sociopolítica da língua portuguesa”, apresentando as conquistas presentes entre línguas, o surgimento sócio político e imaginários ideológicos. Também nos embasamos em Rosa Virgínia Mattos e Silva com a obra “O Português são dois... Novas fronteiras, velhos problemas”, mostrando-se a defesa das variantes do português brasileiro como língua, tal qual diferente do português de Portugal, como também professores que têm a complicada obrigação de estabelecer o padrão que é imposto como “certo” diante da deficiência existente na educação do nosso país. E Kanavillil Rajagopalan, em sua obra “Por uma linguística crítica da linguagem, identidade e a questão ética”, que traz posições reflexivas, excitando o debate como método provocativo para acordar as ideias dos próprios linguistas sobre a função da linguística na sociedade, como também a relação que há entre ética e identidade.

Tendo em vista toda diversidade linguística encontrada na língua portuguesa, suas variações, sotaques, gírias e dialetos, como também a ideia do “português correto” adotada pela gramática normativa, que ocasiona vários problemas de exclusão dos falantes que não a dominam, o presente trabalho visa conversar, conhecer, analisar e expor todo conhecimento que os estudantes do colégio citado acima têm a respeito da língua portuguesa, variações dessa língua, junto com os preconceitos linguísticos que a grande parte desses falantes sofrem e, ao mesmo tempo, acabam praticando em diversas situações do dia a dia.

O presente trabalho está dividido em três seções: *referencial teórico*, *metodologia* e *análise dos corpora*. A primeira parte está subdividida em dois componentes, que são: “Discurso sobre a língua”, que traz a visão de alguns especialistas sobre a língua e seus fenômenos; e “Ideologia da língua”, que mostra sua formação e variações que evoluíram durante a história, como também, suas propagações em cada esfera social. Já na *metodologia* é explicado como foi cada processo da produção do trabalho, desde o pensamento do tema, até as análises das respostas produzidas pelos estudantes. E por último é exposto a *análise dos corpora*, que, de forma qualitativa, mostra como foram analisadas as respostas do questionário de cada discente, e como essas opiniões estão associadas aos pensamentos dos teóricos.

1- REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. Discursos sobre a língua

A capacidade humana de se comunicar, de exercer interação na área das ideias com outras pessoas só é capaz por meio do uso da língua, ou seja, pela utilização do conjunto de sistemas linguísticos que a compõe. A linguística é a ciência que encarrega-se de entender, analisar e definir as características, variedades e evoluções da linguagem humana. Dessa forma, os princípios que se integram a essa ciência são, na maioria das vezes, reconhecidos pelos indivíduos. Assim, qual é o falante que não sabe sua língua, ou que não conhece os aspectos principais da comunicação verbal?

Usando como exemplo a língua portuguesa no Brasil, é corriqueiro ouvir da maioria dos brasileiros a ideia de falar que o português é muito difícil, no entanto, isso só acontece porque há uma imensa confusão entre o conceito de língua e de gramática normativa. Isto é, nenhuma pessoa fala seu idioma de língua materna errado. Não há “erro de português” em: “As casa amarela”, o que existe nessa oração é apenas um desvio da gramática normativa, ou seja, uma variação. Entretanto, um brasileiro compreenderá muito bem o enunciado que essa oração passa. A gramática não é a língua, mas sim parte dela. De acordo com Bagno (2002), a língua seria um grande *iceberg* flutuando no mar, já a gramática normativa seria a tentativa de descrever somente uma parte mais visível desse *iceberg*, a chamada norma culta. Sendo assim, as outras partes, as variações e diversidades linguísticas e os dialetos, ficariam invisíveis.

Segundo Bagno (2009), as pessoas, ao seguir o costume tradicional da sociedade, se queixam da quantidade de “erros” realizados por outros indivíduos no emprego da língua, desse modo, é corrente a existência de diversas explicações para a origem desses “erros”: a inabilidade dos professores, a falta de vontade pela leitura, o desprezo pela própria língua, etc. Esses preconceitos querem compreender as manifestações culturais e sociais apenas pela visão do senso comum, sem

buscar nenhum tipo de esclarecimento científico. Como podemos verificar nos PCN's.

A língua portuguesa no Brasil possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modo de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menos prestígio como inferiores e erradas. (BRASIL, 1998, p, 26)

Dessa forma, fica claro que o preconceito linguístico pode apropriar-se de diversos modelos e pode ser direcionado contra vários grupos sociais. Bagno (2009) aponta que ainda dissemina-se a ideia de que o nome língua apenas pode ser posto às culturas europeias e outras sociedades milenares de valor, enquanto os índios e os indivíduos africanos utilizam um conjunto de elementos linguísticos de pouco prestígio, considerado incivilizado, e sendo rotulados de várias formas pejorativas, como: gírias, jargão, geringonça, etc. Utilizam o termo “linguajar”, “fala” ou “dialeto”, porém nunca será intitulado como língua, pois denominam esses povos como primitivos e pobres em todos sentidos, principalmente culturais. Isso pode ser entendido pois

[...] no Brasil embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país — que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito —, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. São essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro[...] (BAGNO, 1999, p, 13).

Saussure (2006) vê a língua como um conjunto de valores puros, analisando o estudo da linguagem como duas partes, uma sendo a língua, um sistema de valores, algo imposto ao indivíduo, em razão da interação social com o grupo; e a outra é a fala, utilizando como função individual da linguagem. Para Saussure (2006), toda palavra dispõe de um sentido que são elementos representativos

considerados signos linguísticos, sendo eles: significado, a ideia ou pensamento que cada indivíduo tem a respeito de um determinado vocábulo; e significante, a imagem acústica, sendo uma ideia psíquica do som de uma palavra, ou melhor, a identificação cerebral desse som, sem a utilização da concretização desse som por meio da fala. Saussure (2006) fala que esses elementos representativos dos signos são extremamente ligados, criando um atrito (SAUSSURE, 2006, p. 80). Isto é, há uma dependência, pois a presença de um compromete a presença do outro. Tornando a união entre significado e significante arbitrária.

De acordo com Bakhtin (1997), a língua realmente é um fato social, criada para o uso da comunicação humana, no entanto, o autor concretiza uma visão diferente da de Saussure (2006), a respeito do conceito de língua enquanto sistema de regras. Ele visualiza a ação humana em suas diferentes formas com a utilização da língua. Para o teórico, a língua tem a possibilidade de viver e evoluir constantemente ao longo da história dentro da comunicação verbal concreta, sendo matéria estabelecida pelo fenômeno social que produz interação verbal iniciada através da enunciação. Diferentemente de Saussure (2006), Bakhtin (1997) não olhava a língua como um conjunto linguístico estável, sincrônico, muito menos homogêneo. Para ele, a língua não era vista como objeto abstrato, mas sim como atividade social, criada na necessidade de interação e comunicação de todos, dessa forma, a essência da língua é principalmente dialógica. O teórico vê a linguagem como polivalência, ou seja, a mesma ocupa o lugar de manifestação ideológica, seguida pela palavra como signo ideológico, objeto do contato e da comunicação, mostrando as diferentes formas de apresentar a realidade.

Segundo Faraco (2016) as línguas estão profundamente ligadas às atividades históricas e políticas, como também as formações produzidas pelo imaginário ideológico das comunidades que são utilizadas. Dessa forma, a língua não é uma entidade independente, pois não existe por ela e para ela, mas sim pelos falantes e as comunidades que a falam.

No entanto, para Rosa Virgínia Mattos e Silva, a língua é um evento social, exigido para a comunicação de uma sociedade, podendo ter variações dependendo da região, cultura, e classe social que a utiliza. Silva (2004) aponta que o Brasil, diante da amplitude territorial, é enriquecido com diversidades em vários campos, cujo eles são: social, cultural, econômico, linguístico, etc. Essa vasta

heterogeneidade é vinculada ao processo histórico que o país passou. No entanto, a norma idealizada parte de modelos literários antigos, que pode ser encontrado como tradição da gramática pedagógica que é disseminada. Contudo, a heterogeneidade linguística que diferencia-se conforme o espaço geográfico, e a escala social estão mais populares hoje em dia do que algumas décadas atrás.

De acordo com Chomsky (1998) os humanos manifestam uma tendência no gene que possibilita uma facilidade na aprendizagem da linguagem, ou seja, todos são capazes de aprender uma língua utilizando a experiência do indivíduo como dado de entrada, ocasionando a apropriação de palavras e suas definições, e a língua como dado de saída, isto é, cada língua em particular é uma manifestação própria da condição inicial uniforme.

Para Gnerre (1991) a fala que o indivíduo utiliza a língua como meio de dominação, pois tem função de comunicar ao receptor a posição que esse falante está ocupando ou a função imaginária que ele ocupa dentro da comunidade. Em outras palavras, as pessoas falam para que sejam ouvidas, onde na maioria das vezes essa ação de falar é para ter influência em algum lugar e sobre alguém, determinando e “refletindo” uma suposta posição na sociedade.

Por seu turno, Rajagopalan (1998), a língua cria e desenvolve a identidade de um indivíduo, pois o sujeito não dispõe de uma identidade estável, anterior e fora da língua. De acordo com este teórico, a produção de uma identidade em um indivíduo é a partir da língua e através dela, estabelecendo uma dependência da possibilidade da própria língua em si, como também de uma ação em evolução ou reciprocamente. Ou seja, é socialmente que uma identidade linguística é construída, sempre promovida a mudanças (RAJAGOPALAN, 2003). O professor Rajagopalan (2003) também aborda o fato da língua sendo vista como um fenômeno natural, onde as questões éticas não são levadas em considerações.

Existe uma crença, amplamente compartilhada, de que a natureza desconhece qualquer espécie de ética. Ninguém, por exemplo, discute a dimensão ética de um desastre natural, como um terremoto, por exemplo. As questões éticas podem ser levadas, isto sim, no que diz respeito às atitudes das autoridades ---- se elas poderiam ou não ter tomado as providências necessárias antecipadamente, inclusive divulgando a tempo os eventuais avisos emitidos pelo departamento de sismologia. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 15).

Dessa forma, o autor explica quão difícil é prosseguir com qualquer debate sobre ética quando a língua é tratada dessa forma, o que não acontece quando ela é vista como fato social, ou seja, produtos das nossas ações, seres humanos, em convivência social.

1.2 As ideologias da língua

Toda língua é formada por elementos linguísticos que possibilitam a comunicação entre os seres humanos. Possuindo um traço social, a língua é utilizada por todo somado de pessoas, onde os mesmos efetuam ações sobre ela. Cada indivíduo por sua unidade particular, a fala, escolhe sua forma de expressa-se com os interlocutores. É notável que uma língua tenha suas variedades, como na língua portuguesa, que deixa explícito sua diferença na fala e na escrita. Assim como diz Faraco (2008, p. 31), “uma língua é constituída por um conjunto de variedades”.

Ou seja, não é correto falar que um brasileiro que não tenha domínio da regras gramaticais da norma padrão não saiba falar o português, pois, se não soubesse, não conseguiria comunicar-se fluentemente. Essa falta de domínio da língua escrita, variação essa que, na maioria das vezes, é utilizada pelas pessoas das camadas sociais de prestígio, ocasiona uma exclusão social, já que o preconceito linguístico não leva em consideração as variações linguísticas, sendo elas: variações fonéticas, sintáticas, lexicais, semânticas ou do uso da língua. Como também suas variedades linguísticas tipológicas: históricas, geográficas e socioculturais.

Esse tipo de preconceito é criado a partir da concepção de que há apenas uma forma “correta” de falar português, vista como única e verdadeira, onde a mesma é ensinada nas escolas, como também utilizada em livros e dicionários, que são baseados na gramática normativa. A existência de um conjunto de regras vista como “corretas”, padronizam a língua, tornando-a homogênea. Essa visão que acata como “certa” apenas um conjunto de regulamentos, cria mecanismos que são

usados como meio de exclusão social. Dessa forma, essa ideia faz uma separação daqueles que dominam a norma culta, em grande maioria são as pessoas de maiores poderes aquisitivos, daqueles que não dominam, em sua grande parte, são sujeitos de classes sociais pobres, esquecidos por um sistema injusto, acarretando um preconceito em cima de diversas formações linguísticas que mudam a partir da região que for falada, ou seja, não tem como falar de preconceito linguístico, língua e linguagem sem abordar o regionalismo.

Quando falamos em variações linguísticas e seus regionalismos, é importante ressaltar que as diferenças presente em nossa língua não representam erros. Isso tudo é fruto de resquícios deixados por sociedades que falam outros idiomas e que adentraram na composição do português brasileiro. À vista disso, as contribuições existentes em cada parte geográfica do país, junto com a evolução histórica de cada região, fez com que nascesse o regionalismo, ou seja, os termos particulares e populares de cada lugar.

Esses processos não são aceitos pela gramática normativista, a qual segue uma visão tradicional. Ao observar a gramática normativa, a língua portuguesa utiliza um método fechado, onde segue em uma linhagem homogênea, onde as variações não são permitidas. De acordo com Lima (2006), a gramática teve origem antes da era cristã na escola de Alexandrina, onde os gregos iniciaram e se aplicaram a estudos gramaticais e suas organizações com o objetivo de guardar a pureza da língua grega que estava sendo contaminada por bárbaros.

Até os tempos atuais, essa ideia utilizada pelos gregos para proteger a língua é usada, pois segue sendo um método de dominação da língua contra suas influências de desaparecimentos e modificações, contudo, há mais interesses entrelaçados, como: políticos, sociais e econômicos. Ou seja, a utilização da língua como forma e processo de dominação, desta forma, favorecendo as preferências de quem a governa. (ANTUNES, 2007).

Isto é, o indivíduo utiliza a língua como meio de dominação, pois tem função de comunicar ao receptor a posição que esse falante está ocupando ou a função imaginária que ele ocupa dentro da comunidade. (GNERRE, 1991).

A gramática tradicional permanece viva e forte porque, ao longo da história, ela deixou de ser apenas uma tentativa de explicação filosófica para os fenômenos da linguagem humana e foi transformada em mais um dos muitos elementos de dominação de uma parcela da sociedade sobre as demais. (BAGNO, 1999, p. 149).

Diante disso, a gramática possui uma intervenção enorme, particularmente nas escolas, na qual começou a estipular o que era “certo” e “errado” na língua, mesmo sendo criada depois do nascimento da linguagem.

A escola visa a busca plena do conhecimento de língua, a partir do processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, segundo as instituições, ancoradas na gramática, pois creem que o indivíduo só aprende a ler e escrever quando tiver pleno domínio da gramática da língua. Essa idealização do aprendizado dessa gramática é comprovada diante da aplicação diária em sala de aula, tendo como principal foco o ensino de língua portuguesa, metodologia essa que é limitada ao ensinamento de estruturas e normas gramaticais, esquecendo seu propósito fundamental, ou seja, o aprendizado da linguagem em suas diversas formas de interação e comunicação humana.

Ao ensinarem gramática, as escolas acham que estão ensinando língua, dessa forma cria-se uma ideia muito errada, dizendo que gramática e língua são as mesmas coisas. A gramática é apenas uma parte que se integra à língua, sendo encarregada de homogeneizar, instituindo determinadas regras. Esse fato também aparece nos docentes, onde na maioria das vezes os mesmos encarecem de conhecimento ou de uma formação considerável para processar a ideia de que para saber a língua é obrigatório o domínio de sua gramática, dessa forma, cria-se um desastre linguísticos nos discentes, que ao invés de verem a inteira atividade da língua, apenas compreendem isoladamente a gramática.

Não que o ensino de gramática não seja essencial, mas que o aluno seja conhecedor das estruturas da língua, para aplicá-la da forma mais consciente. (LIMA, 2006). Até porque

[...] é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficialmente, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são

resultado natural das forças internas que governam o idioma. (BAGNO, 1999, p. 52).

Desse modo, as escolas poderiam adotar métodos de aprendizagem em que estudasse as reais e variáveis condições de uso da língua, tendo como finalidade possibilitar ao alunado o controle e conhecimento de vários tipos diferenciados de comunicação, e não apenas restringi-lo à norma culta e sua gramática, objetivando que ao fim do processo estejam aptos a escolherem a linguagem que mais ajusta-se às circunstâncias em que eles (falantes) apresentam.

Essa visão normativista também é glorificada pela imprensa, isso foi provado quando a mesma chamou de ato criminoso a publicação do livro “Por uma Vida Melhor”, da editora Global, lançada em 2009, e designado ao 7º ano do ensino fundamental e escrito pela Heloisa Ramos.

A empresa, em maio de 2011, transmitia em telejornal discursos em que alegava que o Ministério da Educação estava distribuindo livros que ensinavam o português de forma errada, porque no capítulo “Escrever é diferente de falar” era exposto frases que fugiam das regras canônicas ou padrões da gramática normativa, não levando em consideração que a língua portuguesa é composta por diversas variantes, incluindo a popular.

Diante de uma tabuleta escrita colégio é provável que um pernambucano, lendo-a em voz alta, diga còlegio, que um carioca diga culégio, que um paulista diga côleio. E agora? Quem está certo? Ora, toda língua do mundo existe um fenômeno chamado *variação*, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico. (BAGNO, 2007. p, 52).

Lamentavelmente, presenciamos diariamente ações preconceituosas no campo da língua e que muitas vezes passam despercebidas. Esse preconceito ganha força e reprodução no ensino de língua, no ato de desejar que os discentes pronunciem do mesmo jeito que escrevem, alegando que é a única forma correta de alcançar o conhecimento pleno da língua. (BAGNO, 2007).

Segundo Bagno (2007), os livros didáticos da área de língua portuguesa evoluíram em uma considerável escala no quesito qualidade, essa melhoria foi

detectada a partir do *Programa Nacional do Livro Didático*, uma ação do Ministério da Educação, onde os livros são avaliados, comprados e distribuídos para as escolas públicas do território brasileiro.

O processo de avaliação tem envolvido uma grande quantidade de linguistas e educadores, que vêm dando contribuição importantíssima para a elaboração de uma verdadeira política linguística exercida por meio do livro didático. (BAGNO, 2007. P. 119).

Contudo, a abordagem de variações linguísticas em livros didáticos e nas mídias se torna problemática, mesmo com uma parte da sociedade querendo colocar um ponto final nesse tipo de preconceito. Infelizmente, a escassez de um bom suporte teórico encarreta essa confusão quando o assunto é língua, prejudicando a aprendizagem a partir das variações e suas mudanças, causando o enriquecimento da exclusão social.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido em duas etapas. Para realização da primeira, foi feito um estudo de campo, visitando os adolescentes da terceira série do ensino médio, do *Colégio Estadual Emeliano Ribeiro*, o qual foi realizado uma pesquisa qualitativa, em que a metodologia utilizada foi a aplicação de uma conversa seguida por um questionário.

Os dados da pesquisa qualitativa não são coisas isoladas, acontecimentos fixos, captados em um instante de observação. Eles se dão em um contexto fluente de relações: são “fenômenos” que não se restringem às percepções sensíveis e aparentes, mas se manifestam em uma complexidade de oposições, de revelações e de ocultamentos. Na pesquisa qualitativa todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a constância das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio. Procura-se compreender a experiência que todos os “sujeitos” têm. (RAPAZZO, 2004, p, 58).

Para a entrevista, foi elaborado um questionário com nove perguntas relacionadas à língua, à imagem que os (as) alunos (as) têm sobre língua portuguesa, variações linguísticas, preconceito linguístico, bem como, a utilização da língua por eles e por seus familiares, sempre priorizando a descrição particular de cada aluno analisado, objetivando a compreensão da situação de cada indivíduo em seu local de fala. Dessa forma, esse trabalho de campo inclina-se a aplicação de técnicas de observações ao invés de questionamentos.

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar. (LAKATOS, 2010, p. 173).

A segunda etapa foi a pesquisa bibliográfica, que foi feita através das leituras de livros, com o propósito de recolher a maior quantidade de informações a respeito do assunto estudado.

Este trabalho teve início com uma visita ao *Colégio Estadual Emeliano Ribeiro*, localizado no agreste sergipano, na cidade de São Domingos. Em seguida, aconteceu um momento de negociação com a coordenação do colégio e com o professor que estava cedendo a turma, momento que foi apresentado o intuito da pesquisa e seu principal objetivo. A partir disso, foi notada a existência de uma aceitação e recepção por toda instituição de ensino. Logo depois, fui levado até a sala de aula onde me apresentei aos alunos, iniciando uma conversa para tentar ganhar a confiança dos mesmos. Posteriormente, o principal intuito foi instituir um diálogo com algumas perguntas, favorecendo a oralidade dos adolescentes da turma mencionada: terceira série do ensino médio, do turno da manhã.

Esse trabalho de campo teve como base uma discussão e um questionário que possibilitou os discentes explicarem com liberdade suas concepções sobre a língua, suas imagens a respeito de língua portuguesa, variações linguísticas, preconceitos linguísticos, suas vivências linguísticas com os familiares, bem como a utilização do uso da fala feito por eles e por suas famílias em diversas situações.

3. ANÁLISE DOS CORPORA

Para manter o sigilo dos indivíduos (discentes) que aceitaram participar da pesquisa, decidi designar um código para cada um, dessa forma, cada aluno foi enumerado de 1 a 23. Exemplo: aluno 1, aluno 2.

Na primeira pergunta do questionário “1- Na sua concepção, o que é língua?”, 23 alunos responderam que a língua é a forma de comunicação do ser humano, ou seja, essas respostas estão de acordo com o pensamento de Bakhtin (1997). Este explica que a língua é um fato social, criada para o uso da comunicação humana, desse modo, a língua é vista como uma atividade social, criada e utilizada para a interação e comunicação de todos, com uma essência dialógica. Rosa Virgínia Matos e Silva (2004) reforça ainda mais a resposta desse grupo de alunos(as), dizendo que a língua é um evento social exigido para a comunicação de uma sociedade. No entanto, apenas um aluno fala que: “É o idioma e características dos falantes de uma língua”, mostrando essa visão de língua como característica de identidade de um indivíduo, como também a de um povo, já falado por Rajagopalan (2003), em seu livro “Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética”. Podemos verificar isso quando este autor explica que a língua cria e desenvolve a identidade de um indivíduo, pois o sujeito não dispõe de uma identidade estável, anterior e fora da língua. Além disso, Rajagopalan (1998) acredita que a existência e modelação de uma identidade em um sujeito se propaga a partir da sua língua, do mesmo modo que através dela. Dessa forma, instaura-se uma necessidade imensa de possibilidades da própria língua em si, assim como de uma atividade em desenvolvimento ou vice-versa.

FIGURA 1 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 3.

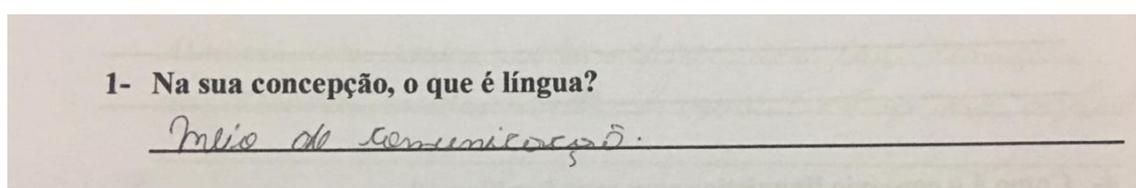


FIGURA 2 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 8.

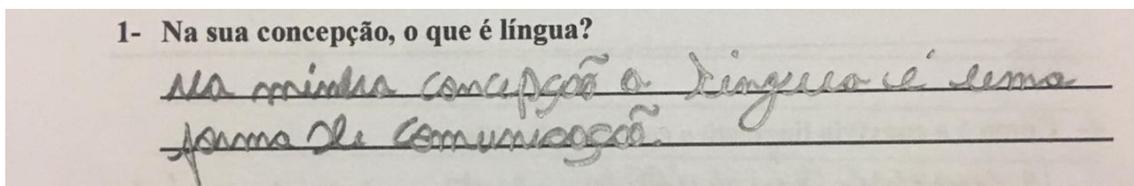


FIGURA 3 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 5.

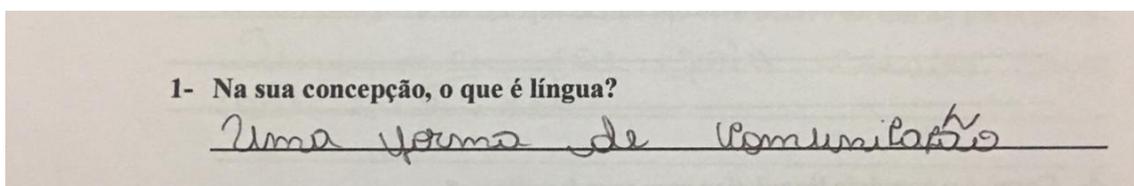
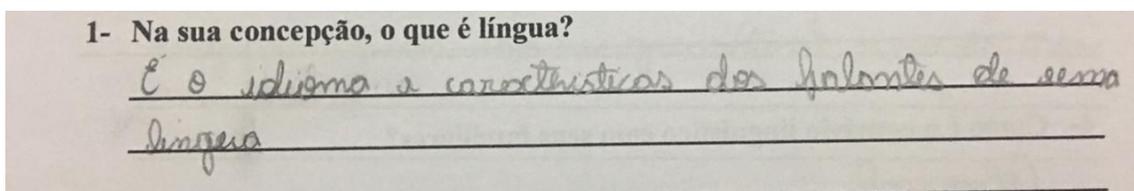


FIGURA 4 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 4.



Na pergunta de número dois “2- Quais são os tipos de linguagem presenciadas por você no dia a dia?”, 23 discentes responderam que presenciam em seu dia a dia as linguagens: formais, informais, coloquial, escrita e culta.

De acordo com BRASIL (1998), o idioma português existente em nosso país apresenta uma diversidade dialetal impressionante, em que conhecemos geograficamente e socialmente as pessoas pela forma que executam a fala. Os alunos, ao presenciarem essas diversidades dentro do seu idioma no dia a dia, concordam com o discurso de Bagno (1999) que, em nosso país, Brasil, a língua oficial que é mais falada pela população é o português, no entanto, esse português apresenta uma grande diversidade e variabilidade, não apenas pelo imenso

território, criando as variações regionais, mas principalmente pelo abismo social que torna o Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda do mundo.

São essas graves diferenças de *status* social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro [...] (BAGNO, 1999, p. 13).

FIGURA 5 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 3.

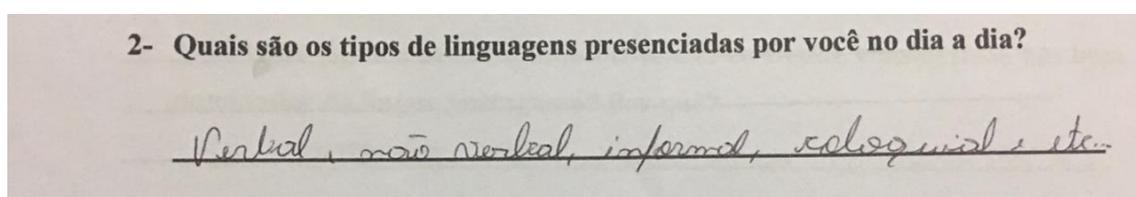


FIGURA 6 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 1.

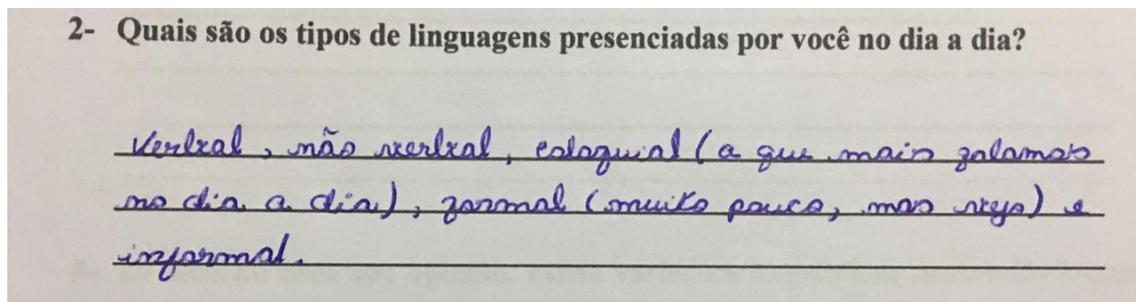


FIGURA 7 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 23.

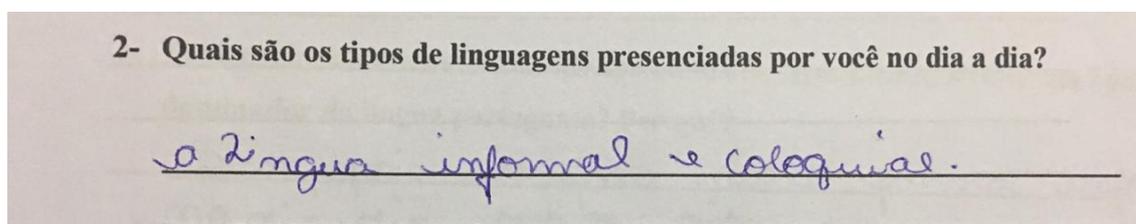
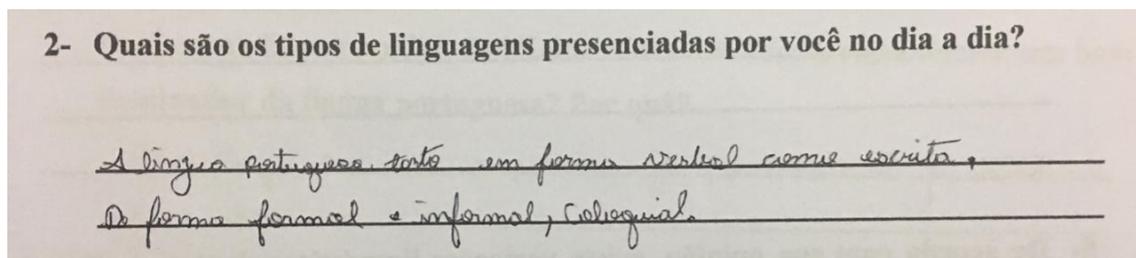
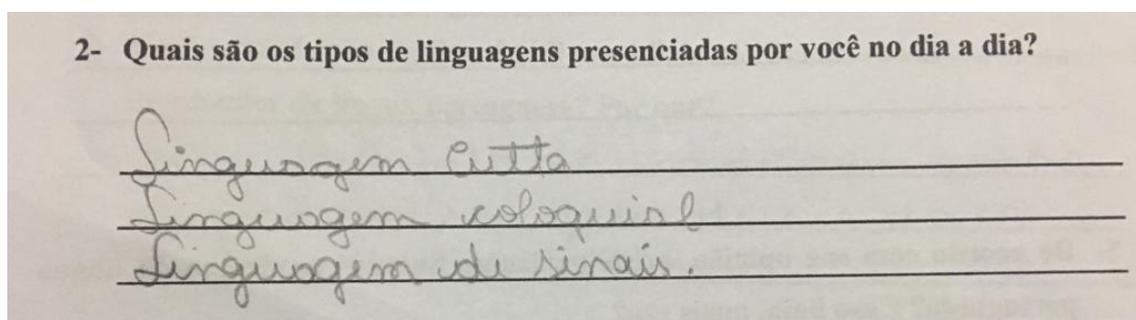


FIGURA 8 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 12.



Dentre esses 23 discentes, o aluno de número 15, além de citar as linguagens culta e coloquial que são presenciadas em seu dia a dia, o mesmo disse que se depara com a “linguagem de sinais”, mesmo alguns especialistas citando-a como um termo errado, já que libras é um outro idioma. É a segunda língua oficial do Brasil desde de 24 abril de 2002, sendo utilizada como a língua oficial da comunidade surda brasileira, contendo sua própria estrutura.

FIGURA 9 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 15.



Na terceira pergunta “3 - Para você, o que é língua portuguesa?” houve uma diversidade maior nas respostas expostas pelo corpo discente. Três alunos esboçaram que língua portuguesa era o idioma falado no Brasil, bem como em outros países e que os habitantes desses países utilizavam esse instrumento de comunicação para a interação social, no entanto, esse português muda um pouco dependendo do país que for falado. Podemos dizer que esse jeito próprio de falar o português no Brasil se dá por conta do nosso processo histórico, pois sofremos várias influências de outras línguas, como: indígenas, africanas, europeias,

asiáticas. Essa diversidade linguística que passou pelo Brasil ocasionou inúmeras variações na língua portuguesa, criando vários sotaques, dialetos e gírias, etc.

Silva (2004) diz que o Brasil, diante de tamanha amplitude territorial, é rico a começar da diversidade em várias esferas, seja ela, social, cultural, econômica e principalmente linguística.

Por conta disso, não tem como falarmos da riqueza linguística presente na língua portuguesa sem ressaltarmos as suas variações, que é a principal característica de um idioma. Com isso, quando falamos em variações linguísticas e principalmente seus regionalismos, é importante destacar que as diferenças presentes em nossa língua não representam erros. Isso tudo é fruto de resquícios deixados por sociedades que falam outros idiomas e que adentraram na composição do português brasileiro. À vista disso, as contribuições existentes em cada parte geográfica do país junta com a evolução histórica de cada região e fez com que nasça o regionalismo, ou seja, os termos particulares e populares de cada lugar.

Partindo da noção de heterogeneidade, a Sociolinguística afirma que **toda língua é um feixe de variedades**. Cada variedade linguística tem suas características próprias, que servem para diferenciá-las das outras variedades. Por exemplo, nem todas as variedades linguísticas do português brasileiro apresentam o “s chiado” em final de sílaba (FE[ʃ]TA) ou final de palavra (FE[ʃ]TA[ʃ]); algumas variedades usam o TU como pronome de 2ª pessoa, enquanto outras usam VOCÊ; a maioria das variedades que apresentam o TU eliminaram a terminação – s na conjugação verbal (TU FALA, TU COME), enquanto outras (poucas) conservam o –s (TU FALAS, TU COMES), e por aí vai... (BAGNO, 2007, p, 47).

FIGURA 10 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 9.

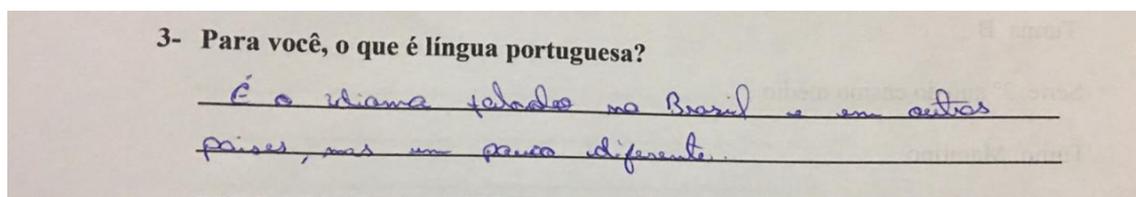


FIGURA 11 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 19.

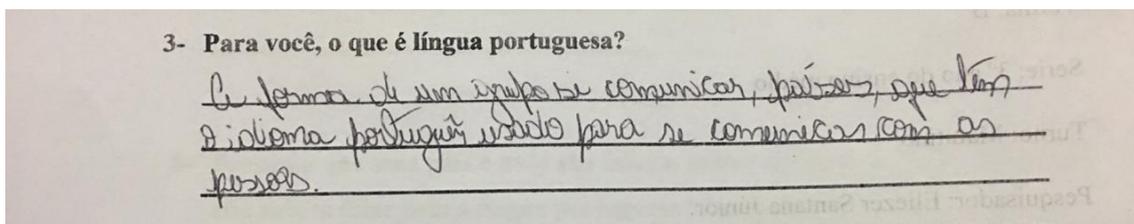
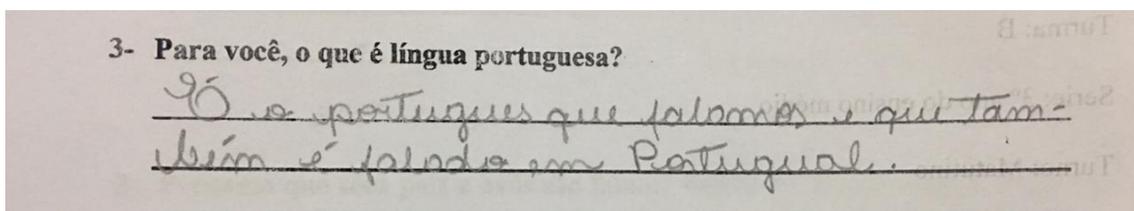


FIGURA 12 – RESPOSTA DO ALUNO DE NUMERO 15.



Outros seis alunos responderam que a língua portuguesa para eles é um padrão estabelecido com um conjunto de regras que é utilizado para falar corretamente no dia a dia. Dessa forma, os discentes dão à língua uma visão unificada, ou seja, uma ideia homogênea. As falas dos estudantes compactuam com Saussure (2006), que entendia a língua como um sistema de regras linguísticas estáveis, sincrônicas e homogêneas, tratando como anormal e errado tudo que foge a esse pensamento padrão. A existência de um conjunto de regras vista como “corretas”, padronizam a língua, tornando estável e imutável. Essa concepção acata como “certa” apenas um conjunto de regulamentos, com isso, cria mecanismos que são usados como meio de exclusão social.

Conseqüentemente, essa ideia produz uma separação daqueles que dominam a norma culta, em grande maioria são os seres humanos de maiores poderes aquisitivos, daqueles que não dominam, em sua grande parte, são sujeitos de classes sociais pobres, esquecidos por um sistema injusto, acarretando um preconceito em cima de diversas formações linguísticas que mudam a partir da região que for falada, ou seja, não tem como falar de preconceito linguístico, língua e linguagem sem abordar as variações linguísticas.

FIGURA 13 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 4.

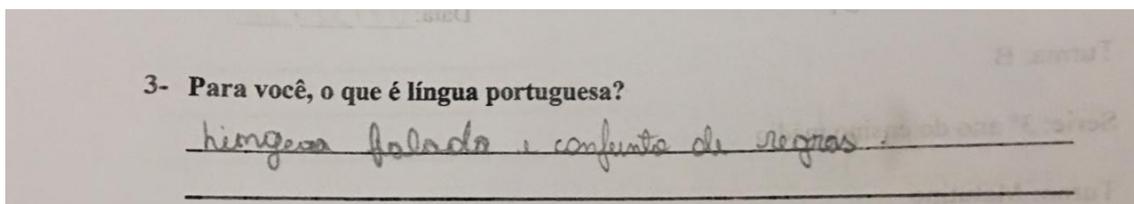


FIGURA 14 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 22.

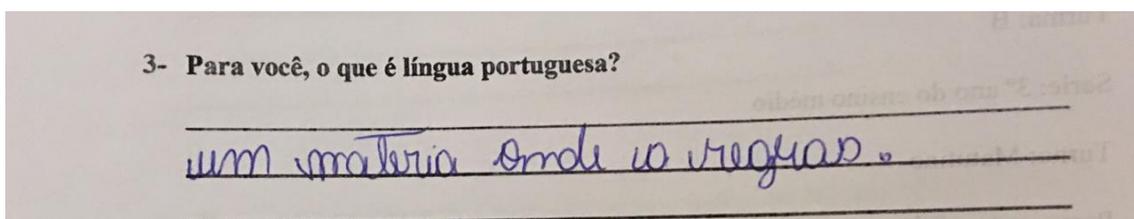
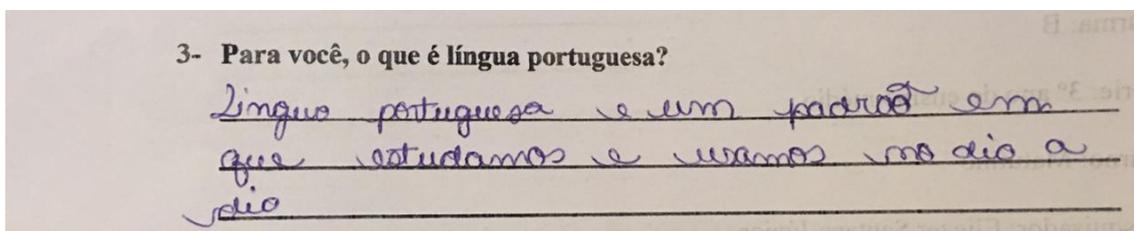


FIGURA 15 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 23.



Mais seis alunos responderam que a língua portuguesa é o idioma oficial e dominante no Brasil, a forma como eles falam e se expressam. Ou seja, essa capacidade humana de se comunicar e de exercer contato no campo das ideias com outras pessoas só é possível por meio da língua, isto é, pela utilização do conjunto de sistemas linguísticos que a compõe.

Sobre a questão de língua dominante no Brasil, Gnerre (1991) fala que o sujeito utiliza a língua como forma de dominação porque tem o propósito de comunicar ao receptor o lugar que esse falante está ocupando ou a função imaginária que ele ocupa dentro da comunidade ou do espaço de fala. Ou melhor, os indivíduos exercem a ação da fala para que sejam ouvidos, e grande parte

dessas ações feitas são para obter poder, influenciar alguém em alguma situação, demonstrando uma suposta posição dentro da sociedade.

FIGURA 16 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 5.

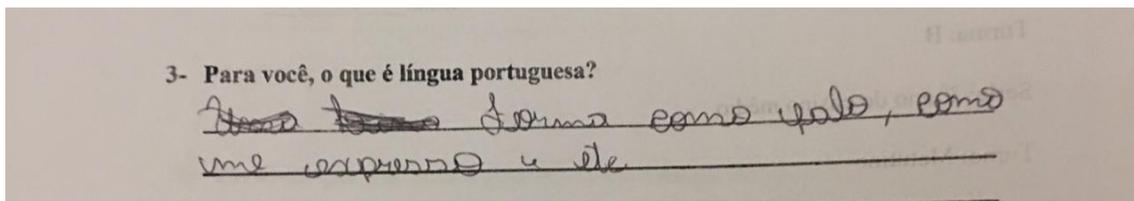


FIGURA 17 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 11.

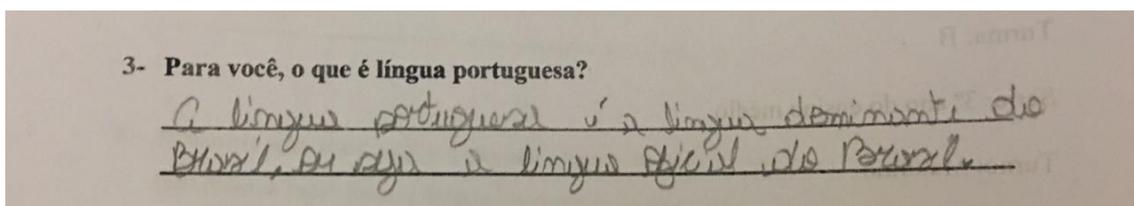
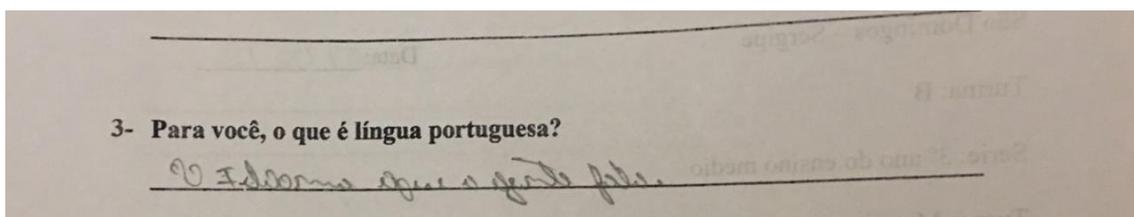


FIGURA 18 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 18.



Dois discentes falaram que língua portuguesa é um idioma cheio de variações e evoluções, mudando de região para região e que vamos aprendendo com a cultura do país. De acordo com Bakhtin (1997), a língua tem a possibilidade de viver e evoluir constantemente ao longo da história dentro da comunicação verbal concreta, sendo matéria estabelecida pelo fenômeno social que produz interação verbal, iniciada através da enunciação. Sendo que toda língua, diferente de suas

heterogeneidades (época, origem e nação), pode ser depreendida por meio de sua história no tempo (variação histórica) e no espaço (variação regional).

[...] uma língua histórica não é um sistema homogêneo e unitário, mas um diassistema, que abarca diversas realidades diatópicas (isto é, a diversidade de dialetos regionais), diastráticas (isto é, a diversidade de nível social) e diafásicas (isto é, a diversidade de estilos de língua)". (BECHARA, 1989, p.15).

Essas variações da sociolinguística citadas por Bechara (1989) se relacionam e sofrem influências das variedades linguísticas que são presentes dentro de qualquer idioma, constituindo vários "modos de falar" um idioma. Essa diversidade na utilização da língua deixa evidente que, a todo momento, a língua passa por processos de aculturação, dessa forma, recebendo interferência de diversos aspectos sociais como sexo, classe social, posicionamento cultural, religioso, como também, escolaridade, lugar de origem, etc.

FIGURA 19 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 6.

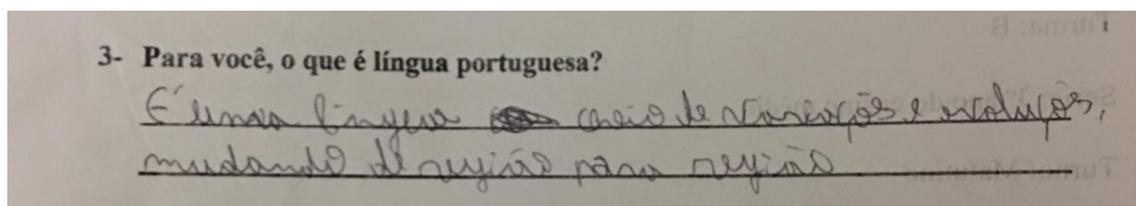
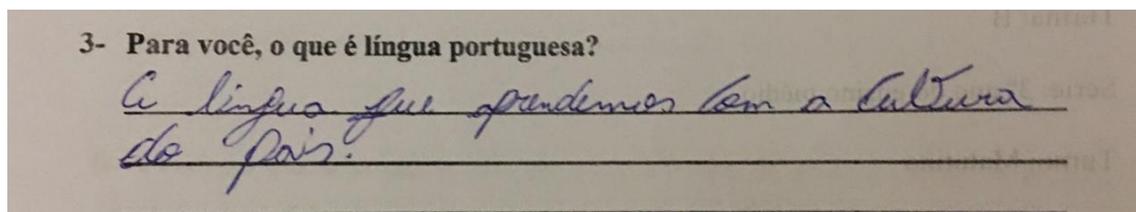


FIGURA 20 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 21.



Três alunos (as) falaram que a língua portuguesa é a forma informal que eles falam no dia a dia e que não é correta. No Brasil, é corriqueiro ouvir da maioria dos brasileiros a ideia de falar que o português é muito difícil. No entanto, acreditamos que isso só acontece porque há uma imensa confusão entre o conceito de língua e de gramática normativa, isto é, nenhuma pessoa fala seu idioma de língua materna errado. Não há “erro de português”, por exemplo, em: “As casa amarela”, o que existe nessa oração é apenas um desvio da gramática normativa, ou seja, uma variação. De acordo com Bagno (2002), a língua seria um grande *iceberg* flutuando no mar, já a gramática normativa seria a tentativa de descrever somente uma parte mais visível desse *iceberg*, a chamada norma culta. Sendo assim, as outras partes, as variações, diversidades linguísticas e os dialetos ficariam invisíveis. De acordo com o pensamento de Brasil (1998) podemos observar como essas variedades linguísticas ficam evidentes na língua portuguesa.

A língua portuguesa no Brasil possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modo de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menos prestígio como inferiores e erradas. (BRASIL, 1998, p,26)

De acordo com Bagno (2009), os indivíduos, aos permanecerem nos costumes tradicionais da sociedade, se queixam do excesso de “erros” realizado por eles e por outros indivíduos no emprego da língua, dessa forma, é presente a existência de diversas explicações que acreditamos que sejam a origem desses “erros”: a inabilidade dos professores, a falta de vontade pela leitura, o desprezo pela própria língua, etc. Esses preconceitos querem compreender as manifestações culturais e sociais apenas pela visão do senso comum, sem buscar nenhum tipo de esclarecimento científico.

Ainda de acordo com a questão 3:

FIGURA 21 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 10.

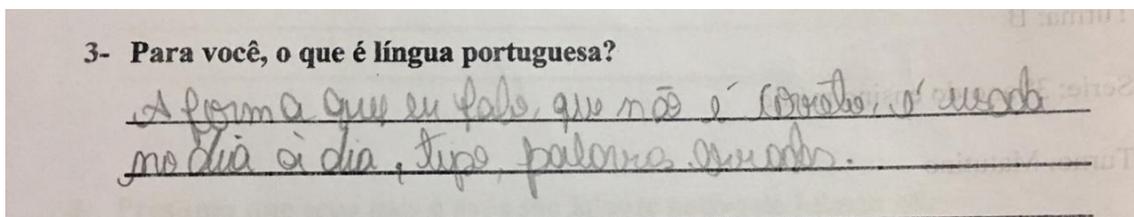


FIGURA 22 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 14.

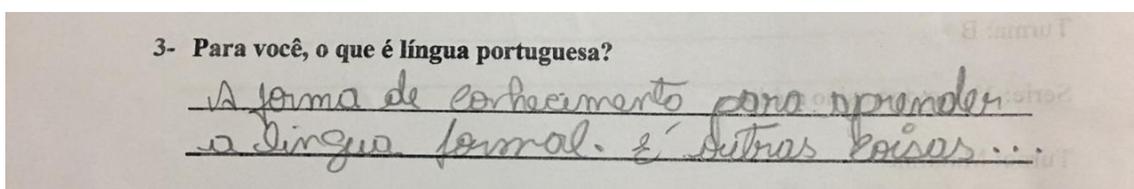
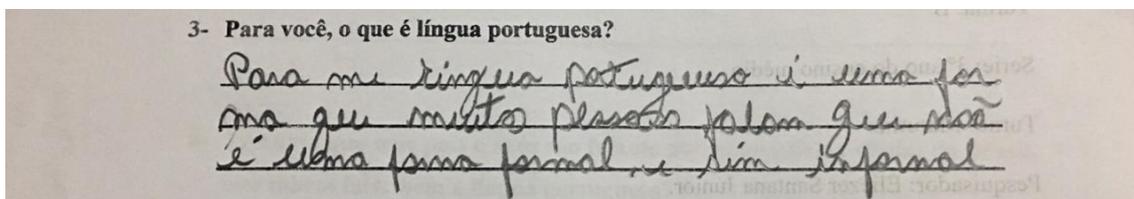


FIGURA 23 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 8.



Apenas um aluno falou que língua portuguesa é “Língua portuguesa é você falar de uma forma em português que as outras possam entender, mesmo que gramaticalmente seja considerado errado”. Diante dessa resposta fica evidente o nível de consciência do aluno a respeito do conceito de língua e gramática, analisando essas esferas de formas distintas, em vista disso, comprovando as diversidades dentro de uma língua.

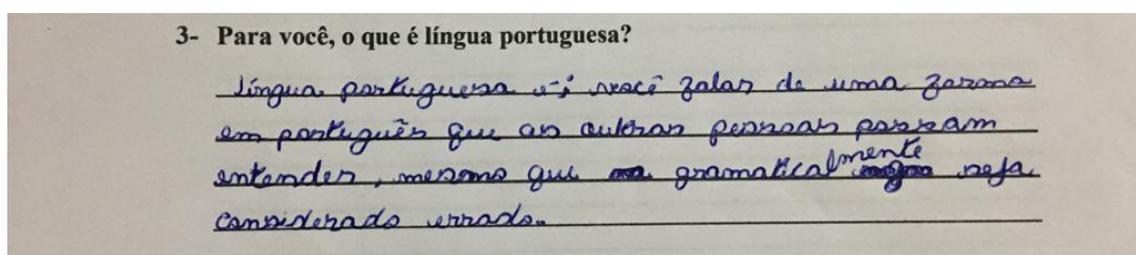
Para tanto, Bagno (2009) aponta que ainda dissemina-se a ideia de que o nome língua apenas pode ser posto às culturas europeias e outras sociedades milenares de valor, enquanto os índios e os indivíduos africanos utilizam um conjunto de elementos linguísticos de pouco prestígio, considerado incivilizado, e sendo rotulados de várias formas pejorativas, como: gírias, jargão, geringonça, etc.

Utilizam o termo “linguajar”, “fala” ou “dialeto”, porém nunca será intitulado como língua, pois denominam esses povos como primitivos e pobres em todos sentidos, principalmente culturais. Diferentemente da variação da língua que é utilizada e estudada na gramática normativa.

A gramática tradicional permanece viva e forte porque, ao longo da história, ela deixou de ser apenas uma tentativa de explicação filosófica para os fenômenos da linguagem humana e foi transformada em mais um dos muitos elementos de dominação de uma parcela da sociedade sobre as demais. (BAGNO, 1999, p.149).

Diante disso, a gramática possui uma intervenção enorme, particularmente nas escolas, na qual começou a estipular o que era “certo” e “errado” na língua, mesmo sendo criada depois do nascimento da linguagem.

FIGURA 24 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 1.



Para finalizar as respostas da questão três, sobraram dois alunos, um respondeu que a língua portuguesa é: “É uma língua românica flexiva ocidental originada no galego – português.”, já o outro não respondeu.

FIGURA 25 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 3.

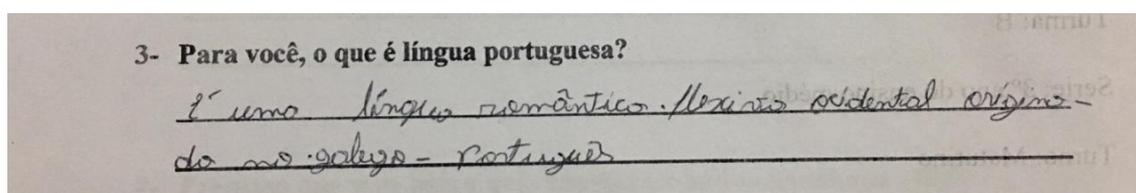
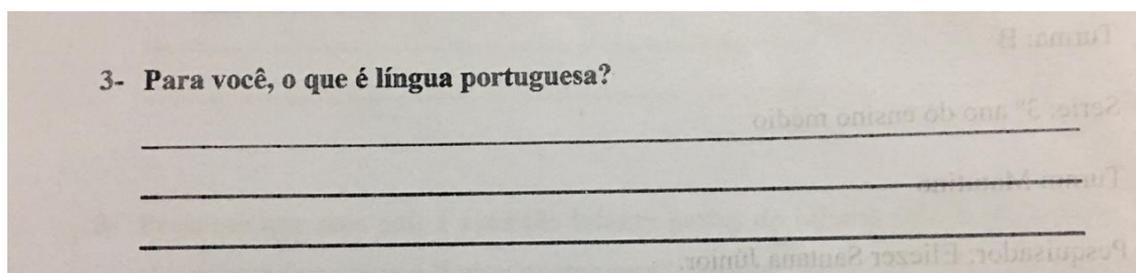


FIGURA 26 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 7.



Diante da quarta questão “4- Como é o convívio linguístico com seus familiares?”, treze alunos responderam que em seus convívios familiares usam-se uma linguagem informal, coloquial, falando de forma espontânea, como também, sem a utilização das normas da gramática normativa.

Segundo Bagno (2009), a ciência da linguagem sempre teve como propósito a tarefa de descobrir e trazer a público as ideias que os falantes sabem, no entanto, não sabem que sabem. Marcos Bagno (2007) sempre explicou que o melhor gramático de uma língua são seus falantes, mesmo eles não adquirindo o conhecimento teórico que propagam o funcionamento da língua. Os especialistas trabalham e estudam teorias para sistematizar a execução da língua, formam padrões para explicar o funcionamento, criam nomes científicos, conceitos, porém não conseguem dar conta de todo material que a língua propaga, principalmente do uso espontâneo, informal, corriqueiro, inconsciente e ultra eficiente que cada falante faz de sua língua nativa.

FIGURA 27 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 18.

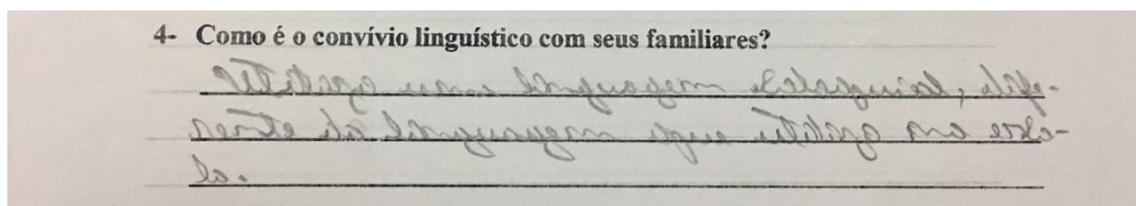


FIGURA 28 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 13.

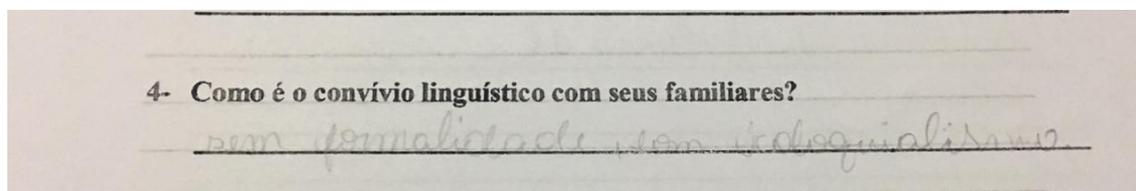
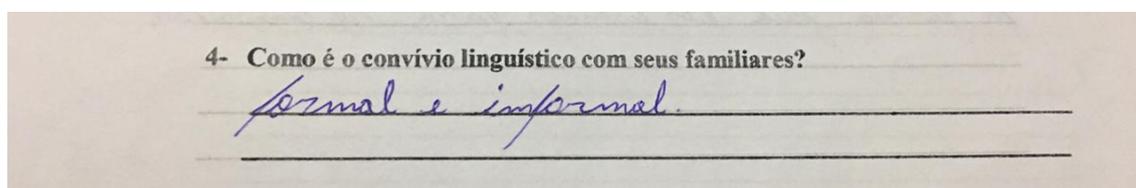


FIGURA 29 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 21.



Cinco discentes responderam que o convívio linguístico com seus familiares é bom, porém os estudantes alegaram que seus parentes falam tudo errado, de forma informal. Segundo um aluno desses cinco, essa utilização errada da língua é devido ao baixo nível de escolaridade, no entanto, tudo que é falado é entendido.

Como já vimos, a habilidade humana de se comunicar, de realizar interação no âmbito das ideias com outros seres humanos só é possível por meio da língua, isto é, pelo uso do conjunto de sistema linguístico que a forma. O Brasil tem como a língua oficial o português, esse português vem carregado com uma diversidade linguística enorme, já que, desde as primeiras invasões para dominação do território que hoje se encontra o Brasil, o idioma português recebia uma imensa influência de outras línguas de diversos países. Assim sendo, essas diversidades linguísticas que passaram pelo território brasileiro ocasionaram diversas variações na língua portuguesa, criando, com isso, vários sotaques, dialetos e gírias. Aspectos esses que sofrem discriminação e são observados como “errados”, já que não seguem o mesmo pensamento adotado pela gramática tradicional.

Segundo Bagno (2009), as pessoas, ao seguirem o costume tradicional da sociedade, se queixam da quantidade de “erros” realizados por outros indivíduos no

emprego da língua, desse modo, é corrente a existência de diversas explicações para o nascimento desses “erros”: a falta de preparação e capacidade dos professores, a falta do estímulo das pessoas pela leitura, bem como o desprezo pela língua materna, etc. Para tentar conter esse tipo de preconceito, Bagno (2002) explica a gramática normativa e a língua da seguinte maneira: a gramática normativa seria um igapó, um trecho de mata inundada com água parada, às margens de um rio; enquanto a língua seria este rio com um percurso contínuo, sempre em movimento, em constante mudança.

FIGURA 30 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 8.

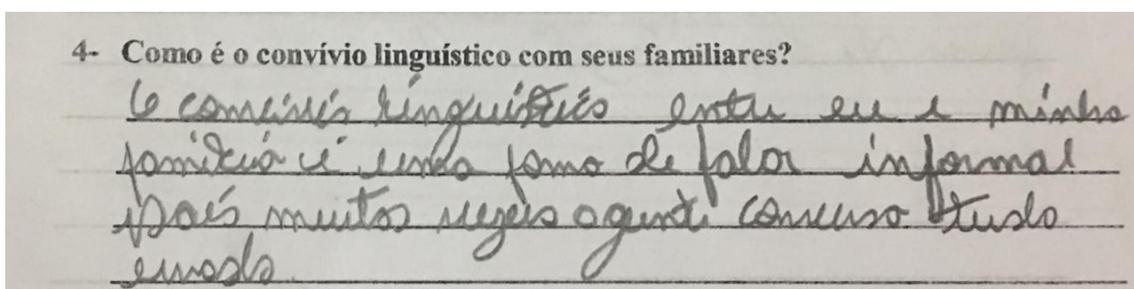


FIGURA 31 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 2.

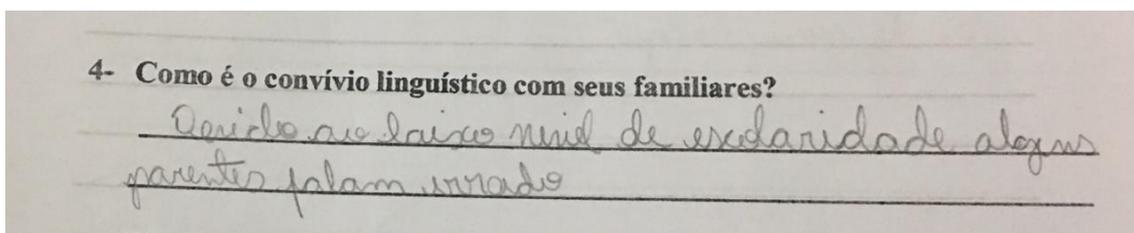


FIGURA 32 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 10.

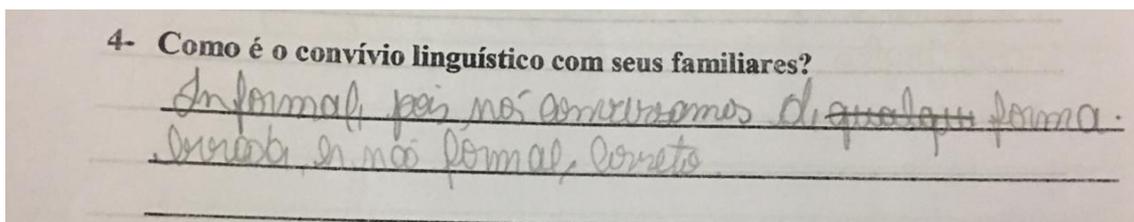
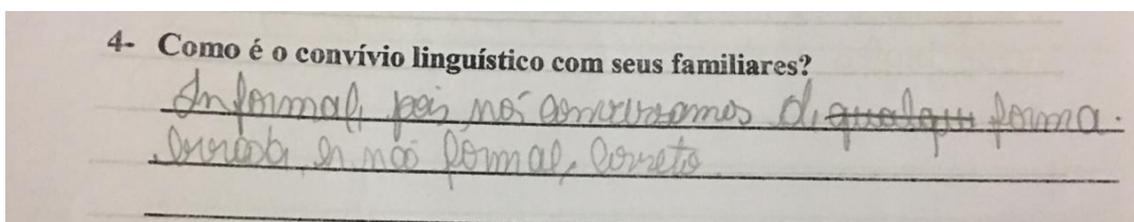


FIGURA 33 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 9.



Ainda de acordo com a questão 4, quatro alunos(as) falaram que constituem um bom convívio linguístico com os familiares, só não entendiam algumas palavras e expressões que seus avós diziam, ou seja, esse bloqueio (ruído) de entendimento, está ligado a evolução e mudança da língua a partir do tempo, assim origina-se as variações etárias, que são os usos de termos linguísticos próprios de pessoas de idades diferentes da nossa. É bom sempre lembrar que toda língua muda com o tempo, isso pode ser facilmente provado a partir de uma breve comparação de textos antigos com textos atuais. As diferenças são claras, e os problemas de compreensão vão aumentando a contar do afastamento no tempo. Como podemos ver a partir das palavras de Bagno (2009):

[...] somos nós, os falantes, que, imperceptivelmente, inconscientemente, vamos alterando as regras de funcionamento da língua, tornando ela mais adequada e mais satisfatória para nossas exigências de comunicação e interação. Não existe língua sem falantes. Por isso, não é “a língua” que muda – a língua, afinal, não existe sozinha, solta no espaço, como uma entidade mítica... São os falantes, em sociedade FIGURA 3 – RESPOSTA DO e, que mudam a língua. E essa mudança não é para melhor, nem para pior: é mudança, simplesmente. (BAGNO, 2009, p.42).

FIGURA 34 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 1

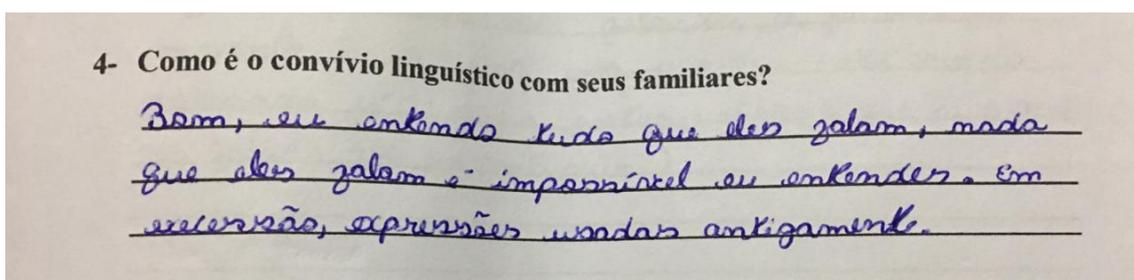


FIGURA 35 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 16.

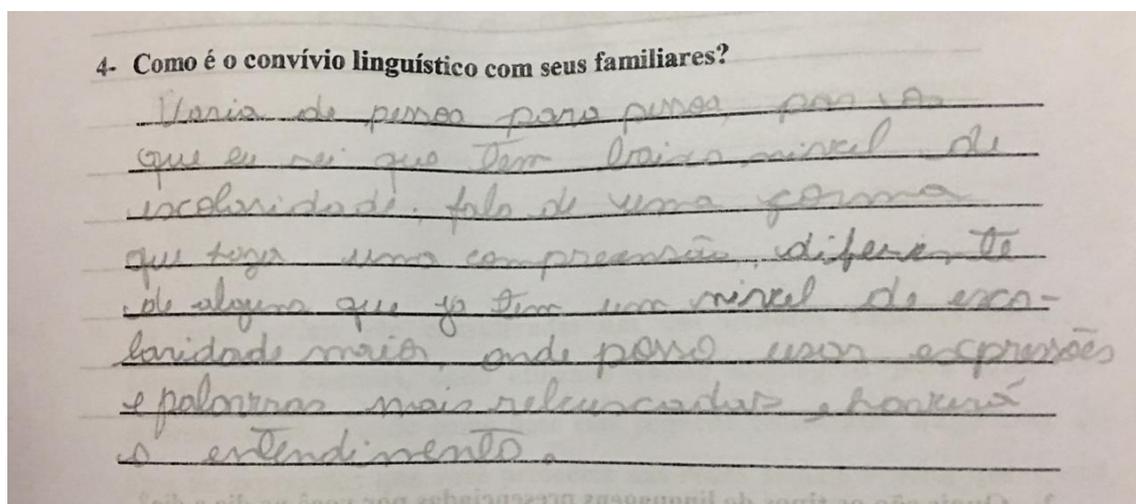
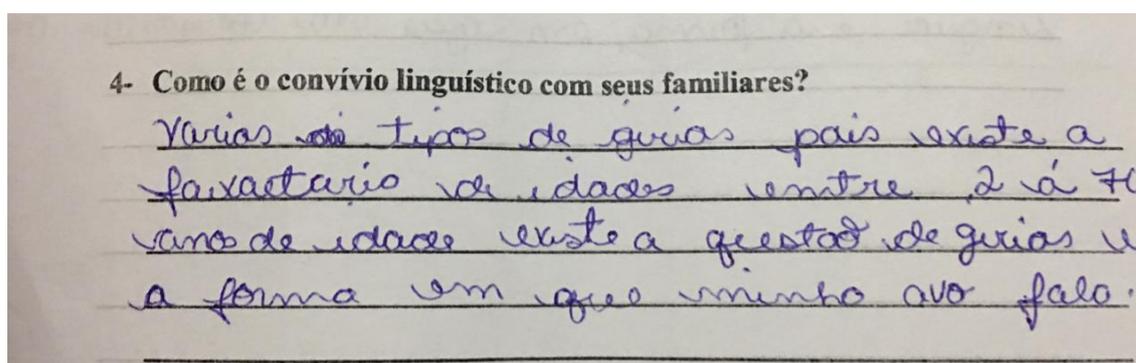


FIGURA 36 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 23.



Na questão de número cinco “5- De acordo com sua opinião, existem variações linguísticas dentro da língua portuguesa? Caso haja, quais são?”, vinte e um alunos confirmaram que existem variações linguísticas dentro da língua portuguesa. De acordo com eles, existem as variações regionais que mudam de região para região, alguns falaram de estado para estado. Além disso, uma parte desses vinte e um alunos (as) citaram a presença da variação de gênero, social, formal e o coloquialismo, que muda expressões e influencia a forma de falar, e em alguns casos muda até o sotaque.

É notável que toda língua necessita de elementos linguísticos para tornar possível a formação da comunicação entre os seres humanos, em que, cada sujeito,

por meio de seu elemento particular, a fala, pode variar dependendo do sexo, etnia, posição religiosa, cultural, como também, a região que esse sujeito mora, tornando possível comunica-se com os interlocutores. Dessa maneira, fica evidente que a língua tenha suas variedades. Ou seja, uma língua é constituída por um conjunto de variedades, Faraco (2008, p. 31).

Ao falar de variações linguísticas e seus regionalismos, é de extremo valor falar que as diversidades presentes em nosso idioma oficial não representam erros. Toda essa riqueza linguística é fruto da herança deixada por todas as sociedades que falam outro idioma e que existem na composição do português brasileiro. Por esse motivo, as contribuições que existe em cada parte do país juntam-se com a evolução histórica de cada região, ocasionando o regionalismo, isto é, as expressões particulares e populares de cada parte do Brasil.

De acordo com BRASIL (1998), a língua portuguesa é dona de uma imensidão de variedade dialetais, onde as mesmas se identificam geograficamente, como também socialmente. Ou seja, as pessoas montam as estruturas linguísticas com base na necessidade do momento, e esses locutores são identificados e julgados pela forma que falam. É existente a presença de muitos preconceitos alicerçados no valor social relativo aos diferentes modos de falar, pois é muito corriqueiro considerarem as variedades linguísticas que a sociedade burguesa considera de menos prestígio, como inferiores e erradas.

Retomando as respostas da pergunta 5:

FIGURA 37 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 1.

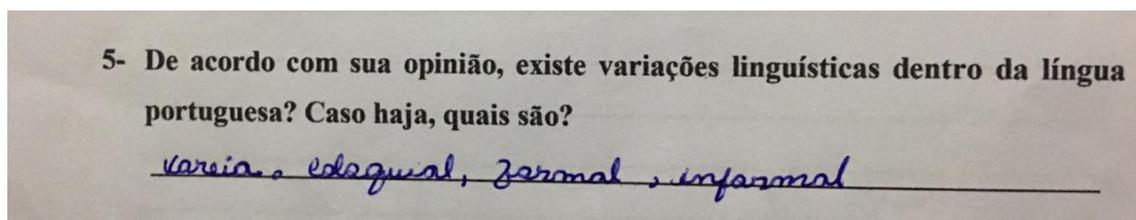


FIGURA 38 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 11.

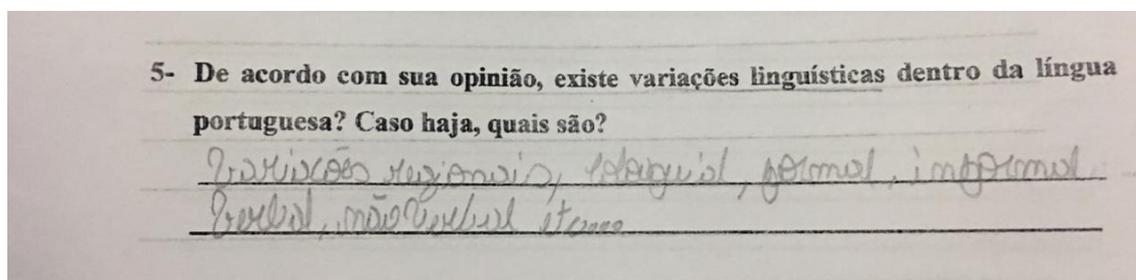
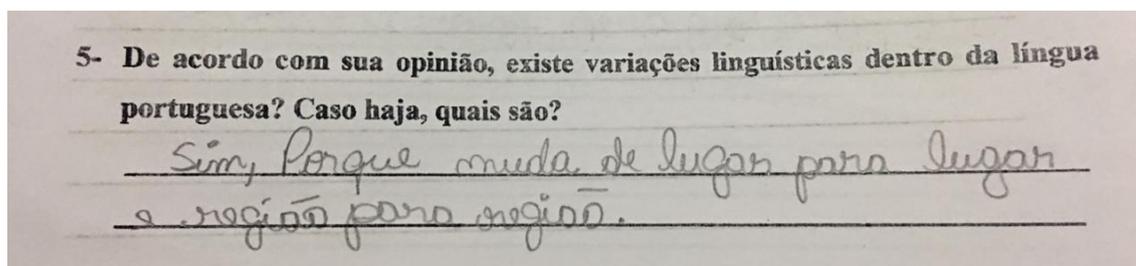
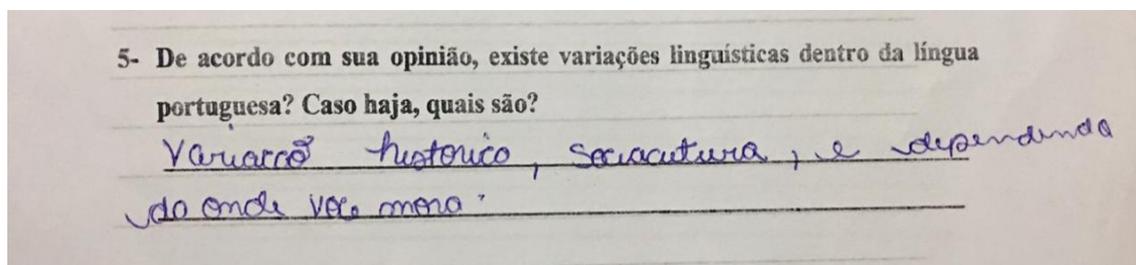


FIGURA 39 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 14.



Um (a) discente respondeu que há variações linguísticas dentro da língua portuguesa, sendo elas a variação histórica, sociocultural e regional. Silva (2004) fala que o Brasil, por conta da grandeza territorial, é rico na diversidade em várias esferas, seja ela, social, cultural, econômica e principalmente linguística. Com base nisso, Bakhtin (1997) também fala que a língua tem a possibilidade de viver e evoluir constantemente ao longo da história dentro da comunicação verbal concreta, sendo matéria estabelecida pelo fenômeno social que produz interação verbal iniciada através da enunciação. Sendo que toda língua diferente de suas heterogeneidades (época, origem e nação) pode ser apreendida por meio de sua história no tempo (variação histórica) e no espaço (variação regional).

FIGURA 40 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 23.



Na pergunta de número seis “6 - Ao longo do tempo escutamos vários discursos que dizem que o português é muito difícil, e que a maioria das pessoas não sabem usá-lo corretamente, diante disso, para você, o que define um erro dentro da língua portuguesa?”, onze alunos disseram que essa ideia de erro dentro da língua portuguesa está ligado à falta de utilização das regras da gramática, o que ocasiona a falta de concordâncias, os “erros” na ortografia, pronúncias de algumas palavras e expressões “erradas”, dessa forma, segundo esses alunos, fugindo da norma culta.

De acordo com Bagno (2004), toda essa ideia homogênea da língua teve origem há mais de dois mil anos, quando as análises e estudos feitos nessa área tinham foco apenas na língua literária, já que era o tipo de produção e leitura feita pelos escritores daquela época, sujeitos esses vistos como únicos conhecedores e dominantes da língua tida como “correta”.

Essa tradição começou por volta do século III a.C., na cidade de Alexandria, no Egito, que nesse tempo era um importante centro Grego. Os estudiosos da grande literatura clássica da Grécia estavam muito preocupados em preservar na maior “pureza” possível a língua grega, que naquela época já estava muito diferente da língua usada pelos maiores poetas e escritores do passado, entre os quais o mais importante era Homero, o autor de *Ilíada* e da *Odisséia* (poemas tão antigos que até hoje não se sabe se realmente foram escritos por Homero ou se este é apenas um nome mítico para designar um grupo de autores anônimos). (BAGNO. 2004, p.15).

Dessa forma, para conseguirem chegar até as suas reais intenções, os escritores e estudiosos daquele período, que também eram chamados de filólogos,

decidiram especificar as regras gramaticais que eram utilizadas pelos ditos grandes autores clássicos, criando, assim, um modelo utilizado como único e verdadeiro, como também dominado por poucos. Dessa forma, foi criada a gramática.

Com base nesses apontamentos, no ambiente escolar a reprodução do ensino é planejada para seguir uma norma padrão, uma linhagem estável, sincrônica e homogênea, com isso, conservando a ideia do “português correto”, concepção essa que é ensinada nas escolas brasileiras. Essa norma linguística que é tratada como a única variante “correta” vem repleta de visões preconceituosas, que são atribuídas por alguns dos poucos falantes que a dominam, ou seja, qualquer pronúncia ou escrita que fuja das regras impostas pela gramática normativa é vista como aberração ou errada.

FIGURA 41 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 9.

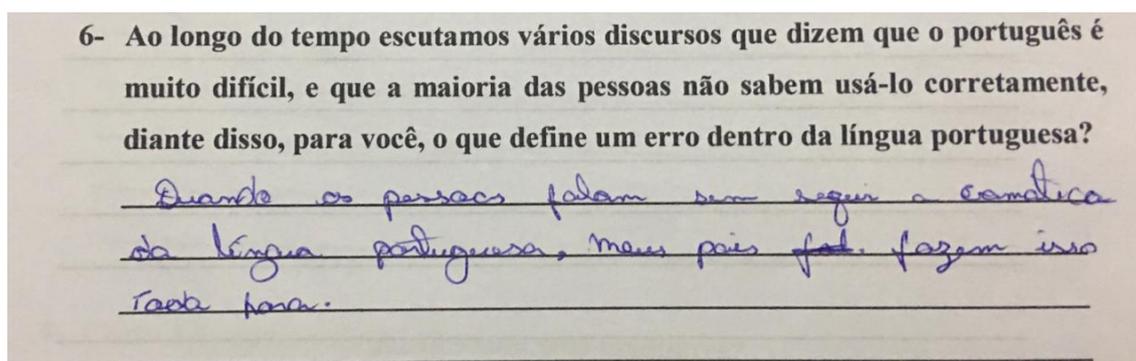


FIGURA 42 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 2.

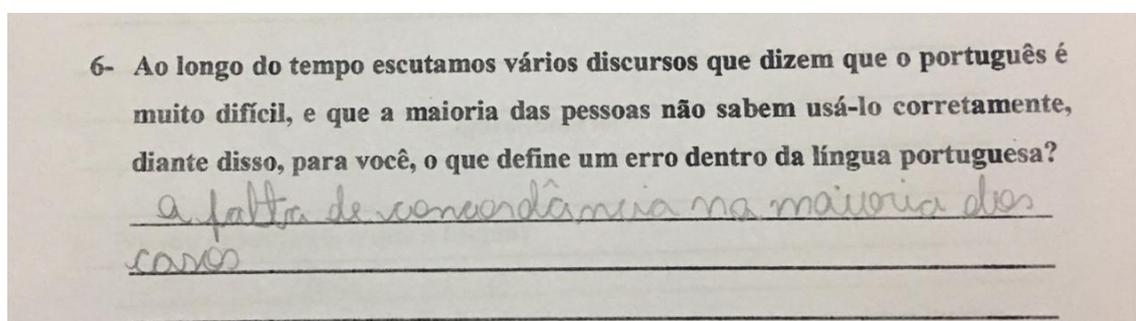


FIGURA 43 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 3.

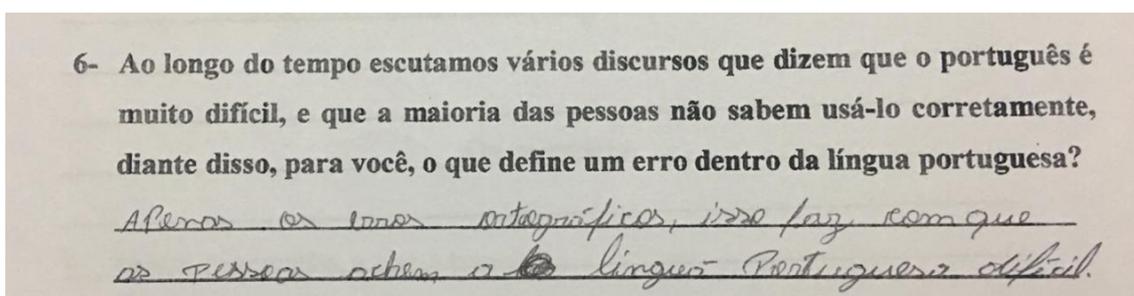
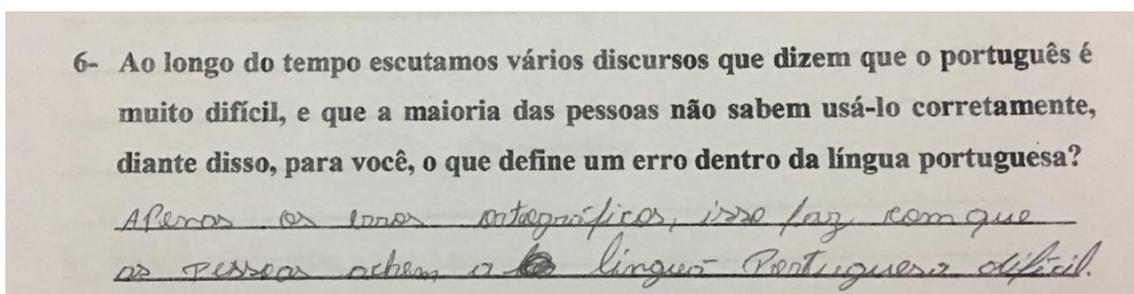


FIGURA 44 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 11.



Dez discentes tiveram outra posição sobre o assunto em questão, responderam a partir de outra vertente. Esses alunos falaram que não existe erro dentro da língua portuguesa quando o que for falado for entendido, como também um desses dez alunos alegou que a gramática muda a cada ano.

Segundo Bagno (2009), uma grande quantidade de seres humanos, ao seguirem a visão homogênea da língua, criticam a imensa quantidade de “erros” que se concretizam quando um sujeito começa utilizá-la.

Qualquer indivíduo normal que entre na escola para ser alfabetizado em sua língua materna já é senhor de sua língua, na modalidade oral própria a sua comunidade de fala. Admitido esse princípio, qualquer trabalho de ensino da língua materna se constitui em um processo de enriquecimento do potencial linguístico do falante nativo, não se perdendo de vista a multiplicidade de comunidades de fala que

compõem o universo de qualquer língua natural, multiplicidade que variará, a desprender das características de cada uma, enquanto língua histórica, isto é, língua inserida tanto sincrônica quanto diacronicamente no contexto histórico em que se constitui e em que se constituiu. (SILVA, 2004, p. 27).

Utilizando como exemplo a língua portuguesa no Brasil, é perceptível essa compulsão exclusiva pela gramática normativa, alimentando ainda mais os mitos que dizem que o português é muito difícil e tudo que for escrito fora dos padrões normativos é denominado como “erros ortográficos”, sendo que na verdade esses “erros ortográficos” são apenas desvios da ortografia oficial. Segundo Bagno (2004), a ortografia ou o modo de escrever, não faz parte da gramática do idioma, já que diversas pessoas vivem sem o conhecimento da escrita da sua língua materna, mas falam perfeitamente empregando regras de gramáticas que constituem seu idioma. Bagno (2004) afirma seu pensamento anterior dizendo que a ortografia foi um mecanismo criado para registrar as ideias por mais tempo, com isso, a ortografia oficial de todos os países é apenas um propósito político. Dessa forma, ela pode ser modificada ao longo do tempo por motivos religiosos ou políticos.

Uma alteração ortográfica provocada por razões políticas aconteceu durante a II Guerra Mundial. Em alemão, os substantivos comuns sempre foram escritos em letra inicial maiúscula, e não somente os nomes próprios como na maioria das línguas ocidentais. Essa convenção foi instituída por Lutero (1483-1546), o pai do protestantismo, na sua tradução da Bíblia, que é considerada o maior monumento literário da língua alemã clássica. Ora, as línguas escandinavas --- dinamarquês, norueguês e sueco --- são parentes próximas do alemão. Quando os países escandinavos adotaram a religião protestante, também adotaram os costumes alemão de escrever todos os substantivos com a inicial maiúscula. Assim foi durante séculos. No entanto, durante a II Guerra Mundial, os países escandinavos foram invadidos e ocupados pelos nazistas, em sua aventura insana de conquistar o mundo. O ressentimento e humilhação sofridas durante esses anos de ocupação fez com que essas línguas abandonassem uso das iniciais maiúsculas nos substantivos comuns, para marcar uma diferença em relação aos alemão. (BAGNO, 2004, p, 28, 29).

De acordo com o que foi dito anteriormente por Bagno (2004), Brasil (1998) também explica que a língua portuguesa também sofreu mudanças e sofre até hoje, visto que, no período de dominação colonial as terras do Brasil foram tomadas por diversas nações, com costumes, crenças, religiosidades, costumes e idiomas

diferentes, proporcionando um processo de aculturação que deu vida a imensa variedade de dialetos, que podem identificar geograficamente e socialmente os sujeitos pela forma que executam a ação da fala.

Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modo de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menos prestígio como inferiores e erradas. (BRASIL, 1998, p, 26).

Por isso, ao tratar-se de língua, só é permitido denominar de erro algo que comprometa a comunicação entres as pessoas (interlocutores). Bagno (2004) explica que se um sujeito falar “os cachorro tudo veio”, por mais preconceituoso e fiel a variação tradicionalista seja, nenhum ser humano falante do português brasileiro poderá alegar que não entendeu o que o locutor quis dizer.

FIGURA 45 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 16.

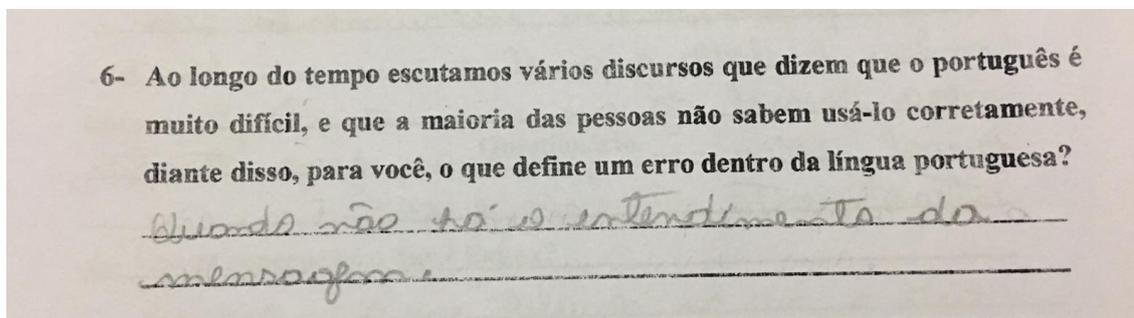


FIGURA 46 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 1.

6- Ao longo do tempo escutamos vários discursos que dizem que o português é muito difícil, e que a maioria das pessoas não sabem usá-lo corretamente, diante disso, para você, o que define um erro dentro da língua portuguesa?

Não há erro na língua portuguesa. Como já havia dito, língua portuguesa é você entender o que a outra está falando, a partir do momento em que você entende o que está sendo passado, já é língua portuguesa (claro que se o que for falado for em português.)

FIGURA 47 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 6.

6- Ao longo do tempo escutamos vários discursos que dizem que o português é muito difícil, e que a maioria das pessoas não sabem usá-lo corretamente, diante disso, para você, o que define um erro dentro da língua portuguesa?

Não existe erro. O importante é que a informação seja passada.

FIGURA 48 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 14.

6- Ao longo do tempo escutamos vários discursos que dizem que o português é muito difícil, e que a maioria das pessoas não sabem usá-lo corretamente, diante disso, para você, o que define um erro dentro da língua portuguesa?

Não existe erro, porque não existe uma palavra e a pessoa entende isso não é errado e também a gramática muda a cada ano.

Na pergunta de número sete “7- Você como falante nativo do idioma oficial do Brasil, considera-se um bom dominador da língua portuguesa? Por que?”, sete estudantes responderam que sim, e os mesmos alegaram diversas formas para confirmar suas dominações ao idioma oficial do Brasil. Uns alegaram que não erram seu idioma nativo, outros disseram que falam muito no dia a dia de forma informal, com traços nordestinos. Porém, salientaram isso não ser um erro, mas sim uma variação linguística. Outros desses sete discentes explicitaram que conseguem passar suas informações perfeitamente e por isso conseguem dominar corretamente seu idioma materno.

De acordo com Bagno (2009), a área que estuda a sociedade é a ciência social, agindo sempre no sentido de analisar a vida das sociedades. A todo momento, esse campo de estudo notou que tudo é regido por normas, com o intuito de dominar os comportamentos e manifestações da humanidade, dessa forma, mantendo-se um controle social. Dentro desse controle social estão as normas linguísticas.

É perfeitamente justo e compreensível que as pessoas perguntem: “É certo ou errado falar assim?” Mais justo ainda, no entanto, é que as pessoas que vão responder essa pergunta estejam conscientes que *as normas linguísticas, como todas as normas sociais, mudam com o tempo* e que de nada vale lutar contra essa mudança – mais sensato é tratar se adaptar a elas. (BAGNO, 2009, p, 27).

É notado que nas sociedades ditas democráticas contemporâneas, as normas de condutas e convívio social passaram e passam a todo momento por modificações, para, desse modo, adequar-se ao desenvolvimento social. Isso aconteceu e acontece com as lutas que tentam derrubar as normas que ameaçaram e ameaçam a vida das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos analfabetos, etc. Ou seja, não pode-se tolerar o machismo estrutural, o sexismo, o racismo, a homofobia, como também as discriminações linguísticas, pois todas elas são uma ameaça aos direitos humanos, bem como a vida em sociedade.

Por isso, para aquela pergunta – “É certo falar assim?” – este livro responde: tanto faz!!! Tanto faz dizer “tinha uma pedra no caminho” ou “havia uma pedra no caminho”! Tanto faz dizer “me chamo João” ou “chamo-me João”! Tanto faz dizer “não se faz filmes como antigamente” ou “não se fazem filmes como antigamente”! Tanto faz!!! (BAGNO, 2009, p. 27).

FIGURA 49 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 23.

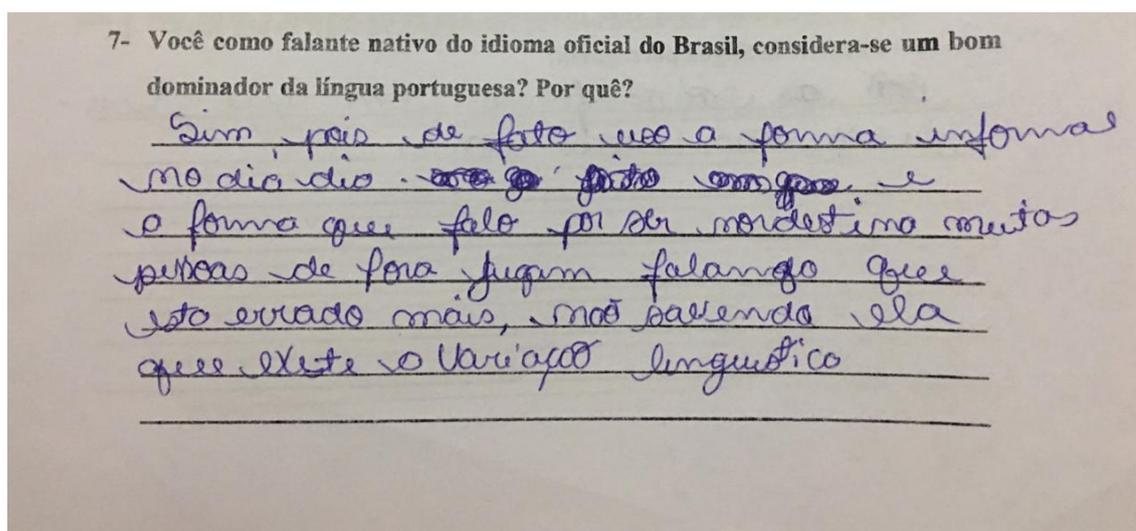


FIGURA 50 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 15.

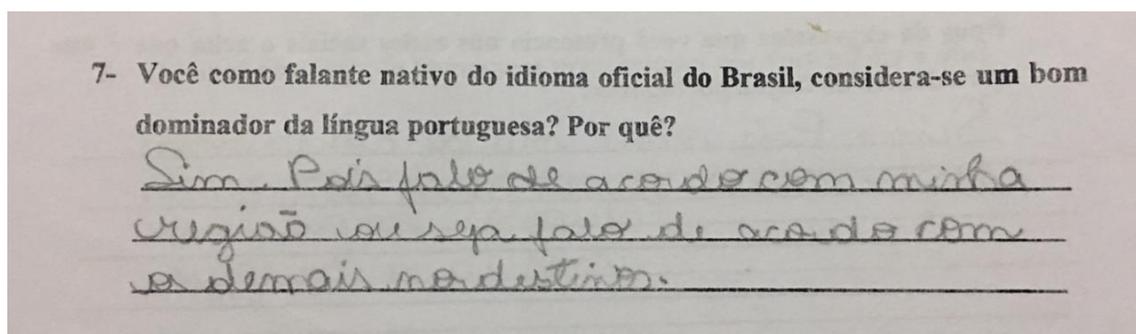


FIGURA 51 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 6.

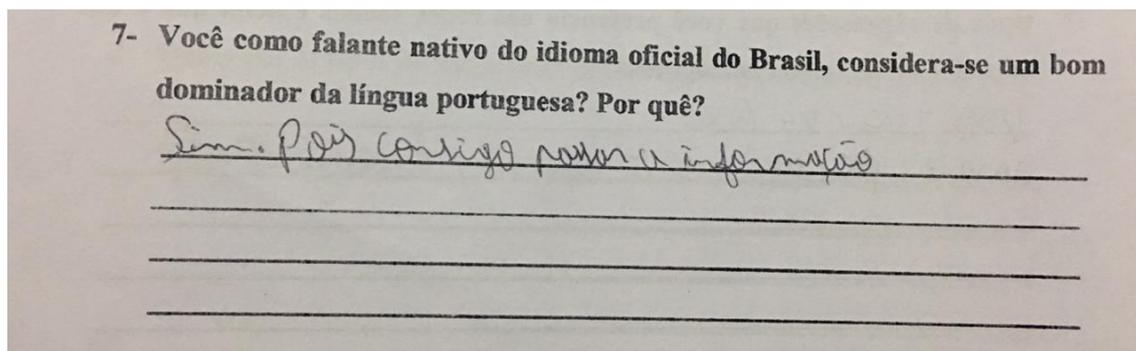
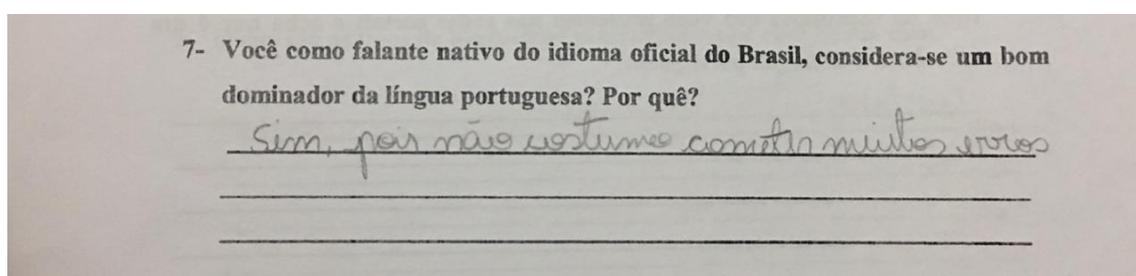


FIGURA 52 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 2.



Diante da pergunta de número sete, quinze estudantes responderam que não se consideram bons dominadores da língua portuguesa porque falam e escrevem errado, não colocam em práticas muitas regras que deveriam ser utilizadas, como também não sabem usar algumas regras da língua portuguesa, que segundo eles (as) deveriam ser usadas. Além disso, alegaram que convivem muito com pessoas que falam de forma informal, à vista disso, não conseguem desenvolverem bem a variação formal.

Bagno (2009) explica que em todo corpo social há sempre um grupo de pessoas que a todo momento acredita que seu modo de falar e escrever é o mais correto, ou seja, é único e verdadeiro. Desse modo, essa variação da língua é vista como mais elegante e mais bonita, sendo imposta como a mais correta, abominando e ridicularizando tudo que foge de suas normas. Por conta disso, os seres humanos, ao seguirem essa visão tradicional e homogênea, reclamam da quantidade de “erros” realizados na produção da fala, ou na execução da escrita, que distancia-se da ideia de uma língua estável e sincrônica.

FIGURA 53 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 18.

7- Você como falante nativo do idioma oficial do Brasil, considera-se um bom dominador da língua portuguesa? Por quê?

Não, pois não sei usar as regras da língua portuguesa.

FIGURA 54 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 20.

7- Você como falante nativo do idioma oficial do Brasil, considera-se um bom dominador da língua portuguesa? Por quê?

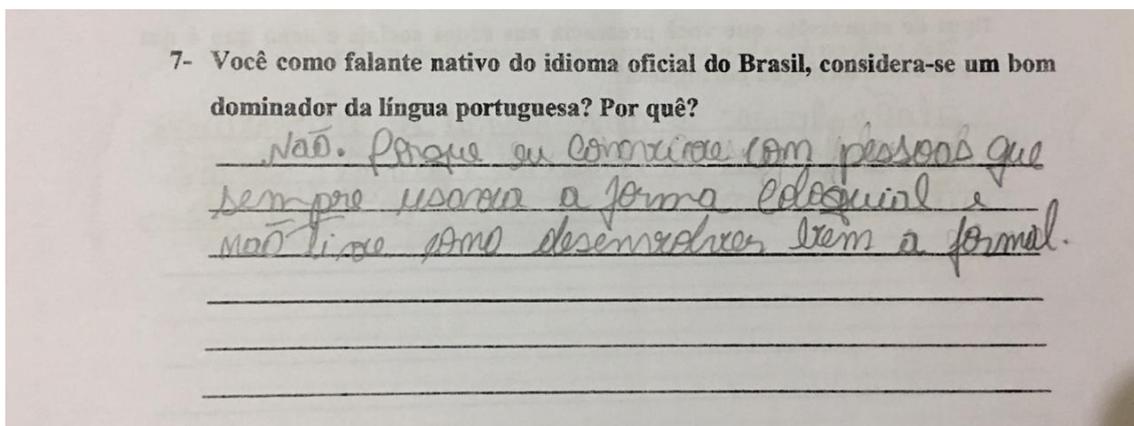
sim, porque muitas pessoas não fala correto

FIGURA 55 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 22.

7- Você como falante nativo do idioma oficial do Brasil, considera-se um bom dominador da língua portuguesa? Por quê?

Não, porque algumas coisas eu falo errado ou errado

FIGURA 56 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 14.



Na questão de número oito “8 – Presumo que seus pais e avós são falantes nativo do idioma oficial do Brasil, eles sabem falar bem a língua portuguesa? Por que?”. Doze alunos responderam “não” por diversos motivos, porque os pais e avós não tiveram acesso às escolas, não foram apresentados a esse tipo de conhecimento, que escrevem da mesma forma que falam, utilizam apenas a linguagem informal, e em alguns casos, esses falantes são analfabetos. Diante disso, eles não têm conhecimentos sobre as regras da gramática da língua portuguesa.

Segundo Bagno (2002), a ideia de preconceito linguístico é fundamentada na convicção de que só existe apenas uma única forma correta da língua portuguesa, a qual é trabalhada em instituições educacionais, explicada e exposta na gramática, como também, listada nos dicionários.

Com isso, a gramática possui uma enorme interferência, em especial nas escolas, onde iniciou a ditar o que é “certo” e o que é “errado” na língua, mesmo sendo criada depois do nascimento da linguagem. A escola visa a busca plena do conhecimento de língua a partir do processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, segundo as instituições que são ancoradas na gramática, pois creem que o indivíduo só aprende a ler e escrever quando tiver pleno domínio da gramática da língua. Essa idealização do aprendizado dessa gramática é comprovada diante a aplicação diária em sala de aula, tendo como principal foco o ensino de língua portuguesa, metodologia essa que é limitada ao ensinamento de estruturas e

normas gramaticas, esquecendo seu proposito fundamental, ou seja, o aprendizado da linguagem em suas diversas formas de interação e comunicação humana.

Qualquer manifestação linguísticas que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”. (BAGNO, 2002, p. 40).

FIGURA 57 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 14.

8- Presumo que seus pais e avós são falante nativo do idioma oficial do Brasil, eles sabem falar bem a língua portuguesa? Por quê?

não. Porque eles nunca tiveram conhecimento e nunca estudaram.

FIGURA 58 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 17.

8- Presumo que seus pais e avós são falante nativo do idioma oficial do Brasil, eles sabem falar bem a língua portuguesa? Por quê?

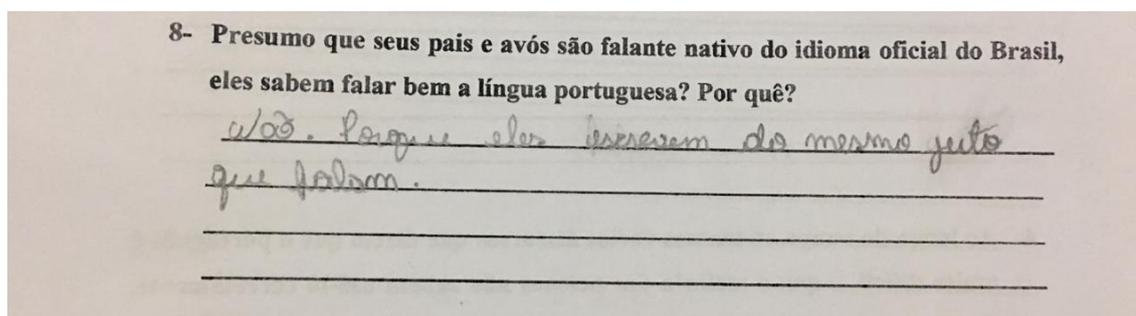
não. Devido a falta de informação, estudar durante a infância.

FIGURA 59 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 4.

8- Presumo que seus pais e avós são falante nativo do idioma oficial do Brasil, eles sabem falar bem a língua portuguesa? Por quê?

sim. Porque eles falam do mesmo jeito que falam.

FIGURA 60 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 9.



Já onze estudantes responderam que sim, que seus pais e avós falam bem a língua portuguesa, pois o que eles falam todos entendem, ou seja, em um diálogo, todas mensagens produzidas são entendidas pelos interlocutores sem nenhum problema de compreensão. Uma porcentagem desses onze alunos (as) disseram que sim, porque seus familiares falam a partir da linguagem regional, como também, de acordo com a variação etária.

A partir de Bagno (2002), a gramática não é a língua, porém, é parte dela. Seguindo esse raciocínio, a língua é formada por várias subdivisões em que cada uma se responsabiliza por uma forma de estruturação linguística que é atribuída a determinadas pessoas de determinadas regiões, classes econômicas, culturais, profissionais, étnicas, etárias e de gêneros. Nessa concepção sociolinguística, fica provada que a língua é, de fato, um produto social heterogêneo, múltiplo, que varia em várias esferas, assim como é instável e a todo momento está em um processo de desconstrução e reconstrução, sempre se moldando às necessidades e atividades sociais.

Diante de uma tabuleta escrita colégio é provável que um pernambucano, lendo-a em voz alta, diga còlegio, que um carioca diga culégio, que um paulista diga còlegio. E agora? Quem está certo? Ora, toda língua do mundo existe um fenômeno chamado *variação*, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico. (BAGNO, 2007, p. 52).

Com essa explicitação, toda língua variará, em qualquer lugar do mundo, em qualquer momento histórico. Dessa forma, fica claro que o principal fundamento para

explicar a característica mais importante de uma língua, que é a sua heterogeneidade.

FIGURA 61 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 18.

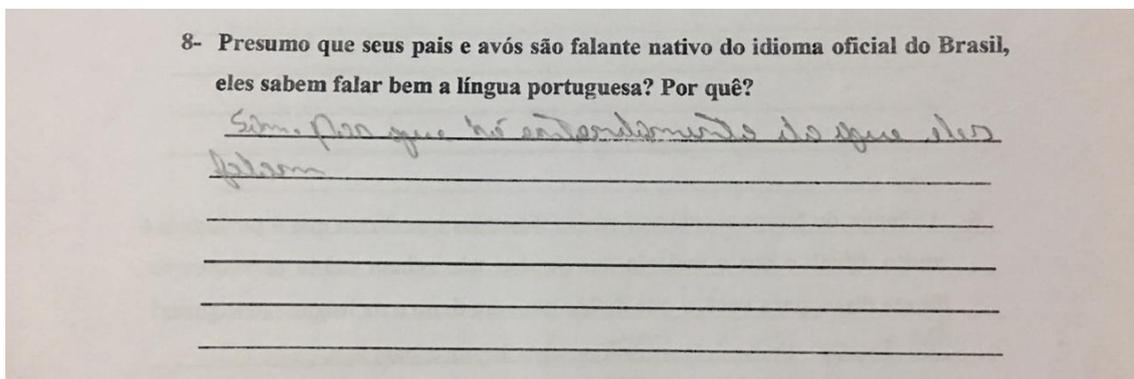


FIGURA 62 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 16.

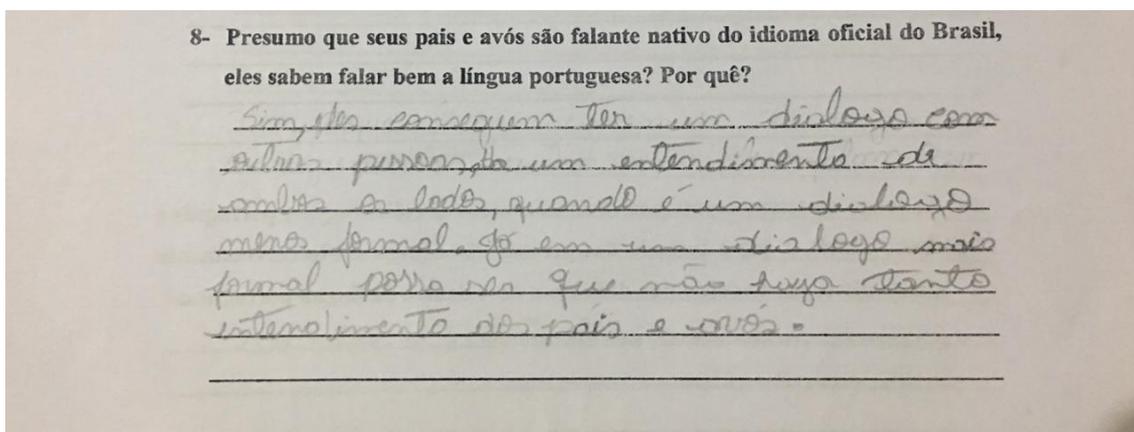


FIGURA 63 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 15.

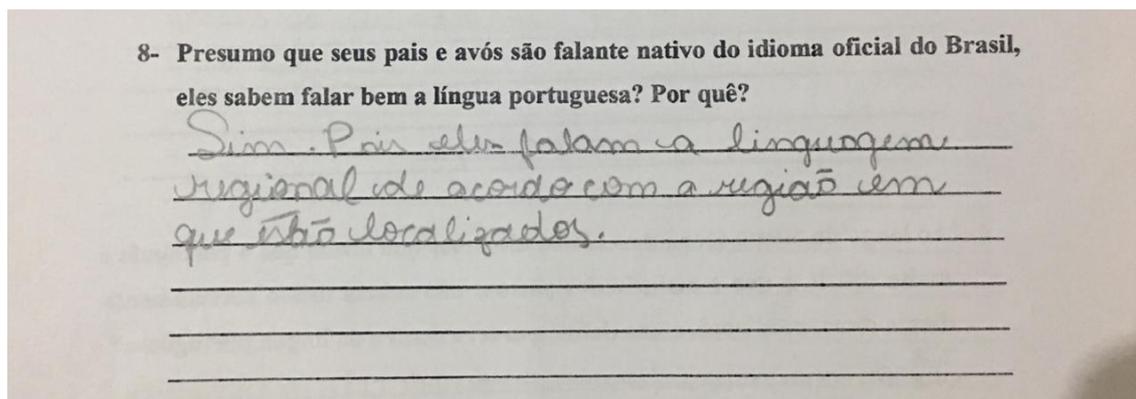
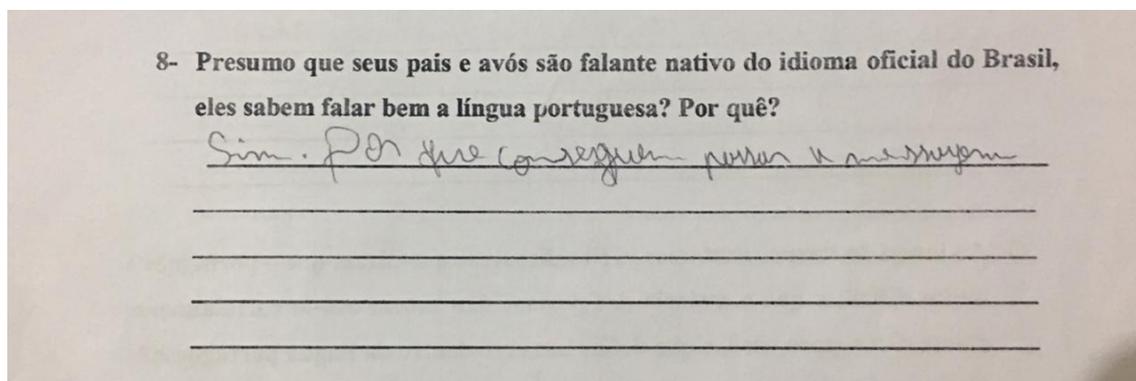


FIGURA 64 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 6.



Na questão de número nove “9 - As redes sociais são consideradas um dos maiores suportes para a comunicação humana, onde utilizam-se várias linguagens para falar de diversas coisas. Tendo como base esse pequeno enunciado, quais são os tipos de expressões que você presencia nas redes sociais e acha que é um erro dentro da língua portuguesa?”. Vinte discentes disseram que as expressões que eles presenciam nas redes sociais e consideram erros dentro da língua portuguesa são as abreviações, (vc/vs/vxe//pk/pkê/está on), coloquialismo, palavras erradas (agente/nois vai/te amor), a utilização de algumas figuras de linguagens como hipérbole e pleonasm, como também, gírias.

Para Brasil (1998), a língua portuguesa que é usada no território brasileiro é formada por uma imensidade de variedades dialetais. É de costume identificar as pessoas geograficamente e socialmente pela forma que executam o ato da fala. Desse modo, criam-se muitos preconceitos resultantes do valor social referente aos diversos tipos de formas de falar, com isso, torna-se frequente as pessoas

acreditarem e tratarem as diversidades linguísticas de menos prestígio como inferiores ou erradas.

Bagno (2004) aponta que, tudo que não for de acordo com a régua da gramática normativa é julgado como como “errado”, “hediondo”, “esquisito”, etc. A grande contrariedade arcaica disso tudo é que, à medida que os estudos na área da linguística foram se modernizando, foi esclarecido que não existe erro em língua, a partir do momento que a produção emitida pelo locutor for compreendida pelo interlocutor.

FIGURA 65 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 4.

9- As redes sociais são consideradas um dos maiores suportes para a comunicação humana, onde utiliza-se várias linguagens para falar de diversas coisas. Tendo como base esse pequeno enunciado, quais são os tipos de expressões que você presencia nas redes sociais e acha que é um erro dentro da língua portuguesa?

Abreviações (vc, pd, pa).

Tipos de expressões como "está on".

FIGURA 66 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 2.

9- As redes sociais são consideradas um dos maiores suportes para a comunicação humana, onde utiliza-se várias linguagens para falar de diversas coisas. Tendo como base esse pequeno enunciado, quais são os tipos de expressões que você presencia nas redes sociais e acha que é um erro dentro da língua portuguesa?

As frequentes abreviações

FIGURA 67 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 21.

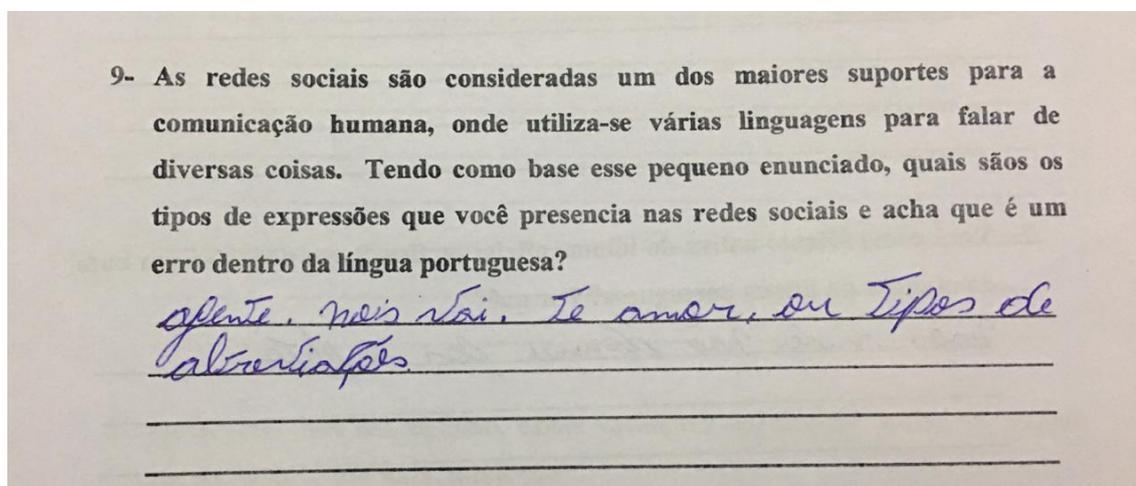
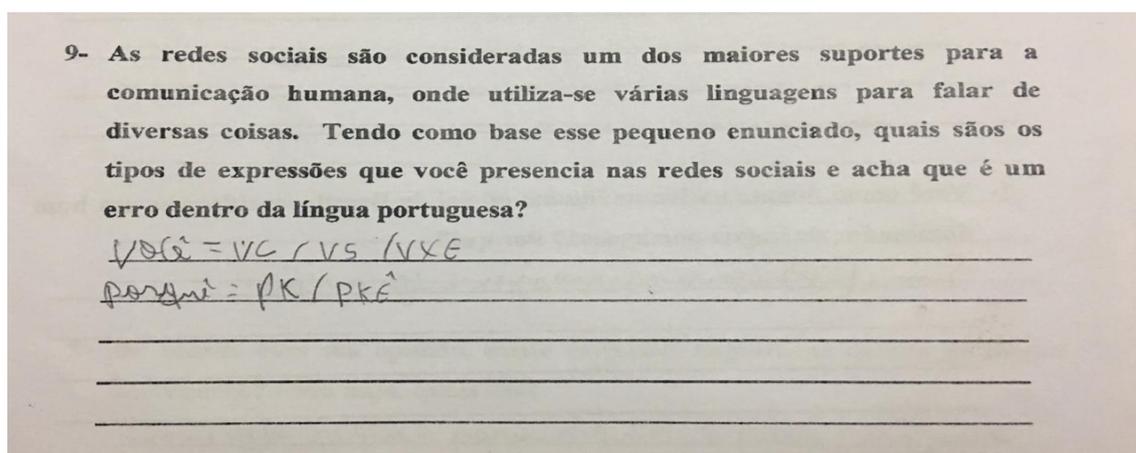


FIGURA 68 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 6.



Dois estudantes falaram que não consideram as expressões utilizadas nas rede sociais erros, já que as mensagens produzidas são entendidas completamente.

De acordo com Bagno (2007), a língua portuguesa do Brasil é dona de algumas classificações de variedades linguísticas, sendo elas: dialetos, que caracterizam a forma do uso da língua de uma sociedade e de uma determinada região; socioleto, que denomina a variação linguística de um determinado grupo de pessoas, levando em consideração a classe social, os aspectos culturais, como também, a profissão; cronoletos, que é relacionado a variação etária; e idioleto, que é

o modo particular de falar de cada um indivíduo. Seguindo essa perspectiva, a língua portuguesa é dona de uma imensa variedade de dialetos, que podem ser identificados geograficamente e socialmente os sujeitos pela forma que executam a ação da fala. Com isso, ao tratar-se de língua, só é permitido denominar de erro algo que comprometa a comunicação entres as pessoas (interlocutores).

FIGURA 69 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 20.

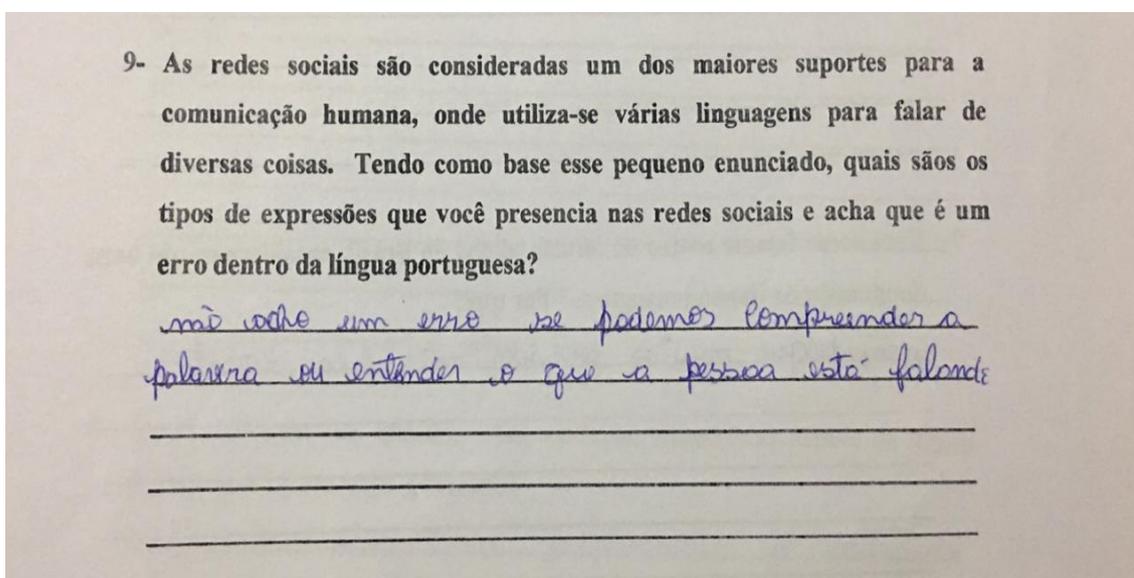
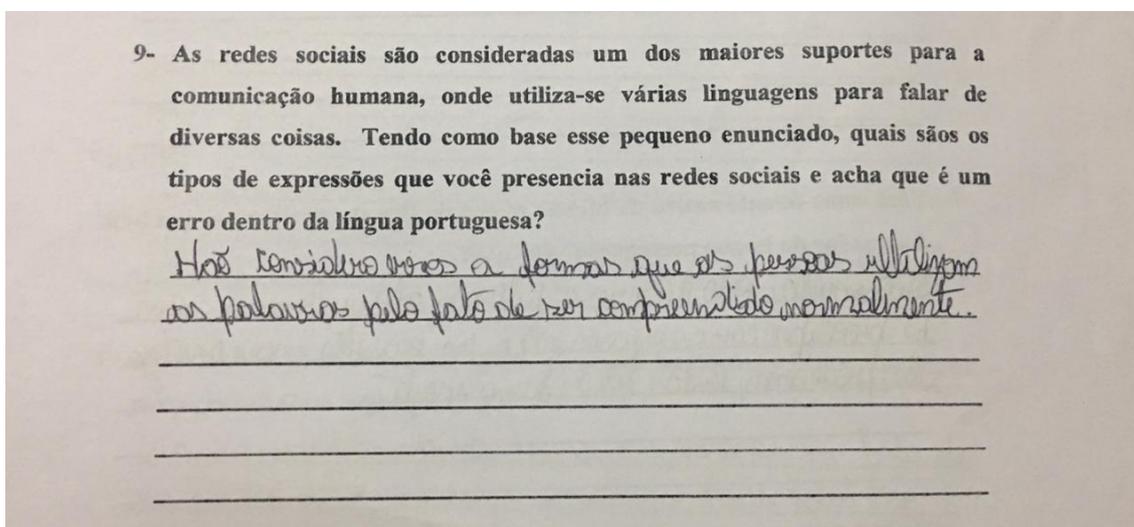


FIGURA 70 – RESPOSTA DO ALUNO DE NÚMERO 19.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi apresentado na introdução, o interesse desta pesquisa está centrado em procurar saber e compreender as opiniões dos estudantes do terceiro ano do ensino médio, do *Colégio Estadual Emeliano Ribeiro* sobre língua portuguesa, para, dessa forma, observar, explorar e analisar de maneira científica o que esses alunos têm a falar sobre esse assunto, mostrando suas concepções sobre a língua. Como também, a imagem que eles têm sobre língua portuguesa, variações linguísticas, preconceitos linguísticos, assim como, a utilização da língua por eles e por seus familiares em diversas situações cotidianas, com o propósito de registrar suas opiniões sobre o tema em questão, a partir de uma breve conversa e em seguida um questionário de nove perguntas.

Diante das análises feitas no referido questionário, juntamente com as respostas dos estudantes, foi possível perceber diversas concepções tradicionais que padronizam a forma de falar e de escrever, como também, pensamentos inovadores em conjunto com o reconhecimento multicultural que são influenciáveis na língua portuguesa, variações linguísticas, preconceitos linguísticos, bem como a utilização da língua por eles e por seus familiares em diversas situações cotidianas.

Portanto, com base nas observações e análises das respostas dos estudantes, concluímos que precisamos implementar e constituir na educação brasileira o estudo e o uso da língua portuguesa, um domínio das nossas origens, envolvendo as culturas e tradições, pois necessitamos entendê-las em suas variedades, como também, aceitá-las e estudá-las, para que seja desenvolvido um respeito correspondente pelos variados usos da fala e da escrita que as pessoas têm, e com isso, trazerem consigo seus vícios, como também, as variações sociolinguísticas presentes na língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé Costa. **Muito além da gramática: Por um ensino sem pedras no caminho**. 1ª Edição. Belo Horizonte: Ed. Parábola, 2007

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: O que é, como se faz**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?: um convite à pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BAGNO, Marcos. **Na língua nada é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim! em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática**. Opressão? Liberdade? 4 ed. São Paulo: Ática, 1989.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desenvolvimento; Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília-DF: MEC/ SEF, 1998.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

CARVALHO (ORG.), Maria Cecília M. de. **Construindo o saber: Metodologia científica Fundamentos e técnicas**. 9.ed. São Paulo: Papyrus, 2000.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Tradução José Antonio Meireles e Eduardo Paiva Reposo. 2. ed. Coimbra: Armênio Amado, 1978.

_____. **Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas.** Tradução Lúcia Lobato. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. **História sociopolítica da língua portuguesa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasília: Líber Livro, 2005.

GNERRE, M. **Linguagem, poder e discriminação.** In: Linguagem, escrita e poder. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral.** Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SONIA, Natália de Lima. **A decisão de ensinar (ou não) a gramática teórica: depoimentos de professores de rede pública.** Taubaté, São Paulo, 2006.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação.** 2. Ed. São Paulo: Edições Loyola. 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

APÊNDICE

Trabalho de Campo.

Colégio Estadual Emeliano Ribeiro

São Domingos – Sergipe

Data: ____/____/____

Turma: B

Serie: 3º ano do ensino médio

Turno: Matutino

Pesquisador: Eliezer Santana Júnior.

Aluno:

Questionário.

1- Na sua concepção, o que é língua?

2- Quais são os tipos de linguagens presenciadas por você no dia a dia?

3- Para você, o que é língua portuguesa?

4- Como é o convívio linguístico com seus familiares?

coisas. Tendo como base esse pequeno enunciado, quais são os tipos de expressões que você presencia nas redes sociais e acha que é um erro dentro da língua portuguesa?
